

REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XV — N.º 148 — DEZEMBRO/83 — Cr\$ 800,00

Escola: o beco sem saída.



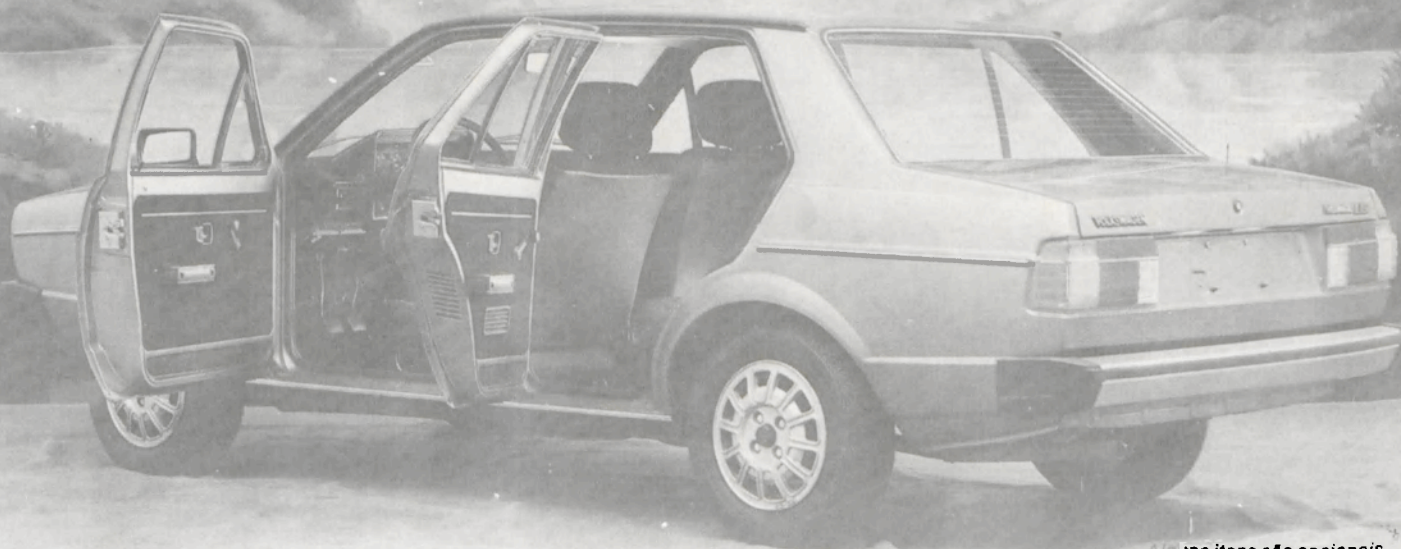
**ALCANORTE
SALVA PELA
PETROBRÁS**

**POLÍTICOS.
TRABALHO
NO RECESSO**

414

Quatro maneiras
de entrar com classe
em um lugar elegante.

Voyage 4 portas.



Alguns itens são opcionais

O interior do Voyage 4 portas é um lugar elegante que leva você aos lugares mais elegantes, com a maior elegância. O Voyage 4 portas foi projetado de modo a permitir uma abertura das portas traseiras, superior a qualquer modelo de sua categoria. Isso quer dizer que agora o universo seguro, silencioso e aconchegante do Voyage ficou ainda mais aberto para você. Sem prejudicar em um centímetro o espaço interno da parte dianteira.

Mas a grande preocupação da Volkswagen foi com

a segurança. Cada Voyage 4 portas vem com um sistema especial de travas nas portas traseiras. Uma vez acionado, nem mesmo as crianças mais desobedientes vão conseguir que as portas traseiras sejam abertas por dentro.



Enquanto isso, você aproveita essa tranquilidade para apreciar o conforto, os revestimentos luxuosos das portas e dos bancos.

Mas nem tudo é novidade no Voyage 4 portas: o desempenho, a economia de combustível, a eficiência aerodinâmica e outras características que consagraram o Voyage, continuam iguais. Porque o melhor deste 4 portas é justamente isso: ele é um Voyage. Venha ao seu Concessionário Volkswagen conhecer o novo Voyage 4 portas e aproveite as facilidades de pagamento.

MARPAS S/A

MARPASS/A
Av. Tavares de Lira, 159
Filial Alecrim — Av. Pres. Sarmiento, 592
Telefones: 222-0140/223-1931



Revendedores autorizados
VOLKSWAGEN
para o Rio Grande do Norte

**DISTRIBUIDORA
SERIDÓ**

Rua Nascimento de Castro, 1597
Filial Alecrim — Rua Cel. Estevam, 1576
Telefones: 223-4566/223-3228

ÍNDICE

ESTADO

Dilema do ensino: escola pública ou pagar caro na particular?.....	8
Hélio promete melhora de RNal.....	10
A ciranda das despesas.....	10
Um professor dá sua fórmula.....	13
No recesso, deputados trabalham.....	14
Uma outra sucessão que preocupa.....	16
Wilma Maia acredita no artesanato.....	17
Djalma Marinho, memória de um grande político.....	20
Inflação e desemprego.....	20
Ainda há quem admire as flores.....	23
O RN já tem o seu super-herói.....	24
Tarcísio confiante na nova etapa da Alcanorte.....	25
Turismo: uma indústria ainda em fase de implantação.....	36

ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	7
Cortez Pereira.....	43
José Jacaúna.....	28
Rosemilton Silva.....	46

SEÇÕES

Homens & Empresas.....	4
Veículos.....	40

HUMOR

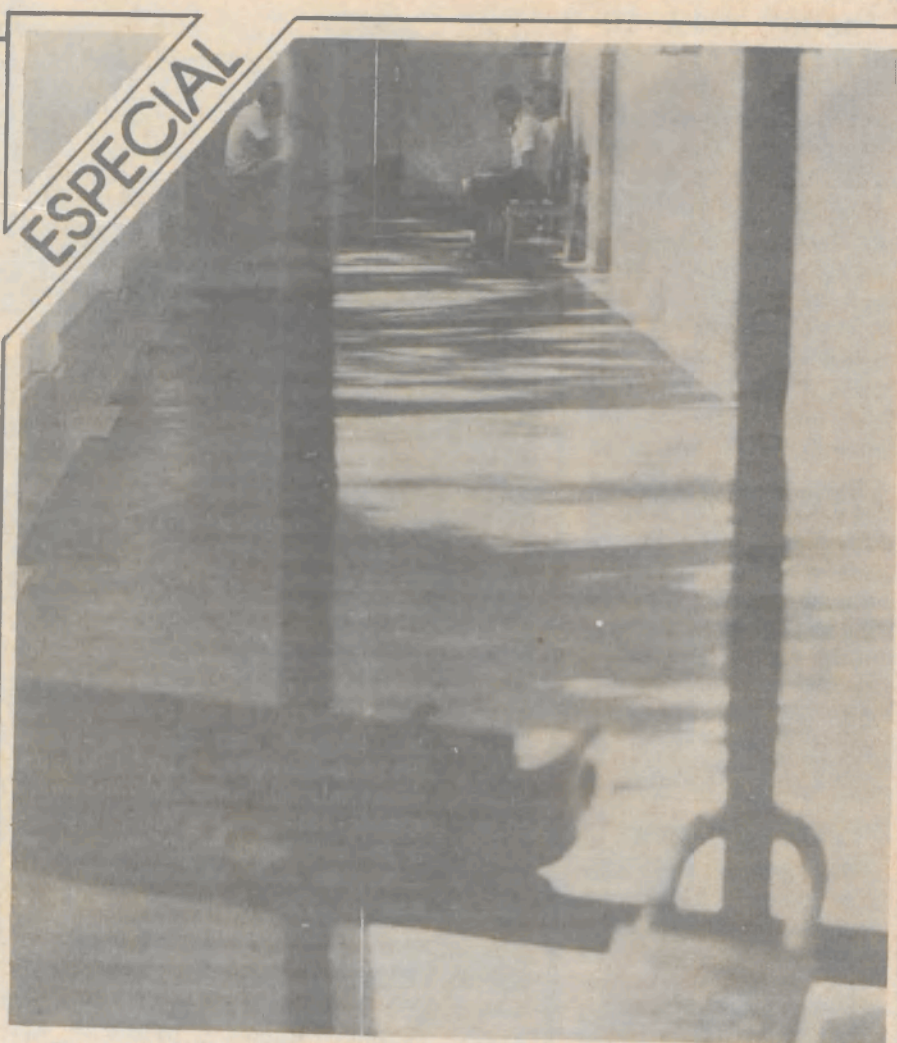
Cláudio.....	44
--------------	----

CAPA

Concepção de Flávio Américo

FOTOS

Emerson Amaral, Flávio Américo e Arquivo RN/ECONÔMICO



O triste mundo dos loucos

O problema dos doentes mentais é, no mundo, tratado ainda com conceitos antigos. À medida que o problema vai descendo para as sociedades menos desenvolvidas, mais ele vai se tornando tortuoso. Questão, mesmo, além do subdesenvolvimento, de falta de estatura psicossocial para encarar uma questão de tamanha relevância e que inquieta tanto a sociedade como a ciência. O louco, em certas circunstâncias, deixa de ser um problema médico para se transformar num problema social e profundamente humano. É o que mostra uma minuciosa reportagem de Moura Neto, que publicamos a partir da página 30.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIV • N.º 148 • DEZEMBRO/83 • CR\$ 800,00

DIREÇÃO:
 DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
 DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira.
REDAÇÃO
 DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa
ARTE E PRODUÇÃO
 Edilson Martins de Araújo

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira.
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho
DEPARTAMENTO COMERCIAL
 GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira
 GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva
 RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócioeconômicos do Rio Grande do Norte,

e de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC nº 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 800,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 8.000,00. Preço da assinatura bienal: Cr\$ 13.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 1.500,00.

HOMENS & EMPRESAS

BUGGY PARA TURISTAS — A Auto Locadora DUDU, depois de analisar o mercado para Buggys em Natal, e com a experiência de seus 16 anos no ramo de aluguel de carros, partiu para a locação de Buggy, desta vez de verdade, e não como anteriormente fora anunciado. A maior procura é de turistas, que querem conhecer as nossas praias, afirma Ricardo Azevêdo, Diretor da Locadora. Os Buggys colocados à disposição dos interessados são fabricados aqui mesmo no Estado, da marca Selva-gem. Com a temporada de verão, a procura tem sido grande, com reservas para todos os fins de semana, até fevereiro.

UMA NOVA IDÉIA — Natal ganhou este mês um novo conceito em vendas de legumes e verduras, é a boutique Sempre Verde. Na Sempre Verde, você encontra verduras e legumes cortados do jeito que você quiser, e embalados dentro dos padrões de higiene. Segundo Clide-nor Cosme da Silva, proprietário da boutique, todas essas vantagens não custam um centavo a mais. A Sempre Verde aceita encomendas pelo telefone e entrega a domicílio. O endereço é na Av. Hermes da Fonseca, 975, em frente a Empro-urn.

EMPRESAS DO RN NO FINOR — Oito empresas do Rio Grande do Norte participarão do Leilão Especial de Títulos do Fundo de Investimentos do Nordeste — FINOR, que será realizado no dia 12 de janeiro



Ricardo Azevêdo

de 1984, em Belo Horizonte. Serão colocadas em leilão um total de 332.489.114 ações. As empresas potiguares presentes ao primeiro leilão do FINOR de 1984 são as seguintes: BRASINOX — 20 milhões de ações; Fazenda Paraíso S/A — 42 milhões de ações; Fazenda Iguatu — 100 milhões de ações; Guararapes Têxtil — 30 milhões de ações; Salina Amarra Negra S/A —

50 milhões; Santa Fé Fazendas Reunidas S/A — 40 milhões; SPERB do Nordeste — 50 milhões; e TEXITA — Cia. Têxtil Tangará — 147 milhões de ações.

HERBUS COM NOVA FÁBRICA — O Grupo Herbus continua a expandir os seus negócios no Estado. Marinho Herculano, Presidente do Grupo, informa a instalação da Hela Moda Fe-



Marinho Herculano

minina, com apoio do Governo do Estado através de incentivos fiscais, com a isenção de ICM por um período de 5 anos. Com este apoio a nova fábrica do Grupo entrará em funcionamento no início de 1984. Marinho informa também que recebeu convite do Governador José Agripino para a instalação, em Mossoró, de uma unidade de confecções infanto-juvenil. O convite foi aceito, e a construção começa já no início do próximo ano. O objetivo da instalação da fábrica em Mossoró é o aproveitamento da mão-de-obra disponível na cidade. Para tanto o Governo do Estado concederá incentivos fiscais.

ARNALDO FRANÇA NO TRE — Arnaldo França tomou posse como membro efetivo do Tribunal Regional Eleitoral — TRE, este mês, na categoria de Juiz, por Decreto do Presidente da República. Arnaldo é advogado militante, membro do Conselho Regional de Direito e Representante do Conselho Nacional de Direito para o Estado. E ainda advogado do Sindicato dos Bancários do RN.

ASSISTÊNCIA DISMAC — DIGITEC, é o novo nome da assistência autorizada da Dismac para Natal. A DIGITEC oferecerá assistência a toda a linha de equipamentos eletrônicos da Dismac: calculadoras, relógios digitais, vídeo games e micro-computadores. À frente da empresa encontram-se: José de Carvalho Costa Filho, engenheiro elétrico, responsável pela parte

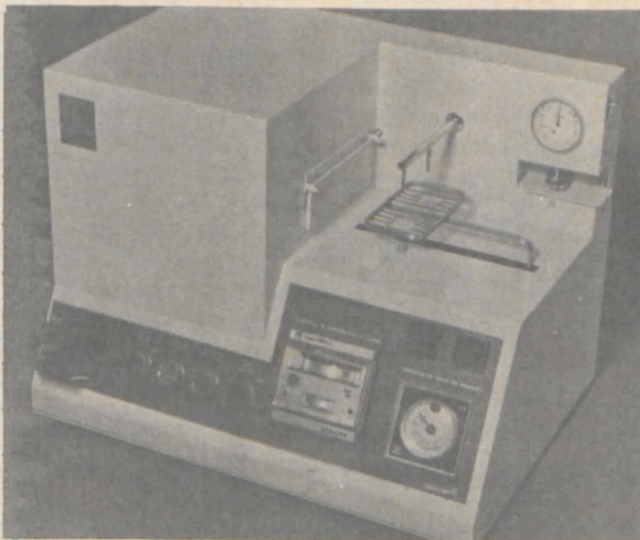
HOMENS & EMPRESAS

técnica e Laércio Bezerra de Araújo, na área administrativa. A DIGITEC tem escritório e oficinas na Avenida Deodoro, 418-A.

MENSAGENS DO NATAL — Recebemos e agradecemos as mensagens natalinas de: Dom Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro, Cia. Industrial de Papel Pirahy, Organizações Safra, Elenco do Brasil Ltda., Auto-Gráfica Importação e Serviços Ltda., Gutenberg Máquinas e Materiais Gráficos — Divisão Harris Rotativas e Fotocomposição, Ompol Brasileira S. A., Manig S. A., BEMGE, Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte, Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil — APLUB, APERN, Adolpho Oliveira & Associados, Tintas Supercor Ltda., IBF — Indústria Brasileira de Filmes S/A, Dumbo Publicidade & Promoções, SAMAB — Cia. Indústria e Comércio de Papel, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, Associação dos Exportadores do Rio G. do Norte, Deputado Estadual Leonardo Arruda Câmara, Deputado Estadual José Fernandes, Galvão Mesquita e Casa Lux, Sistema S. A. Processamento de Dados, EMATER/RN, Enrico Murgia, Supermercados Mini-preço, Assessoria Imobiliária e Direito Notarial, Transportadora Barrense Ltda., Vereador Sid Fonseca, Auto Locadora DUDU Ltda., MOBREAL/RN, César Comércio e Representa-

ções Ltda., DENTERN Ltda., Afonso Marques, Transcarga Rodo-Forte, Horizontes Imóveis Ltda., Prof. Sílvio Araújo, da Escola Theobaldo de Nigres — SENAI-SP.

FOCAS NO MERCADO — A turma concluinte de Comunicação Social de 1983 resolveu partir para um convite de formatura em forma de jornal, com o objetivo



A máquina concebida por Mozoretti e Neureberger

de conseguir novos empregos para a turma, bem como uma campanha de publicidade que visa a colocação do «Foca» no mercado de trabalho e conscientização de seu papel. A campanha que tinha como tema «Tire sua Empresa do Gelo, Contrate um Foca», foi veiculada em rádios, jornais, revista e cartazes. O nome da turma foi dedicado a jornalista e poeta Myriam Coeli, por ter sido ela a primeira mulher no Rio Grande do Norte a exercer a profissão de jornalista na redação dos jornais da cidade, inclusive, cumprindo plantão quando existia esta função. A homenagem é

também de reconhecimento pela importância da poeta que se destacou como uma das melhores na poesia do Nordeste. O convite repercutiu de maneira satisfatória, por seu ineditismo, se não em termos de Brasil, mas pelo menos em nossa Região. Resta esperar agora os resultados da campanha, ou seja, a contratação de «Focas» pelos veículos lo-

cais. Em tempo, «Foca» quer dizer jornalista novato.

KINETI DE LUXO — A Domus Construções está construindo na BR-101, no antigo terreno dos transmissores da Rádio Cabugi, um edifício de 15 andares, destinados para kinitis de alto luxo. O edifício constará de 8 apartamentos por andar, num total de 120 no bloco. A Domus Imobiliária é a responsável pela venda dos imóveis, e espera entregar dentro de 9 meses os apartamentos aos futuros proprietários.

MAIS FM PARA NA-

TAL — Natal deverá ganhar até o meio do ano, mais dois novos canais de FM. Segundo informações, um destes canais já estaria comprometido com a cadeia de Rádios Tropical, do Grupo Maia. Quanto ao segundo, estariam no páreo 4 concorrentes, os grupos liderados pelos srs. Haroldo Azevedo, Felinto Rodrigues, Paulo de Paula e José Dias.

1984: ANO BISEXTO — O ano que inicia traz mais uma expectativa, além da incerteza da recuperação econômica. 1984 é um ano bissexto, para muitos um ano de sorte, para outros um ano não muito bom, com mais um dia para se trabalhar, tornando o ano mais longo com 366 dias. Resta esperar pelo seu fim para conferir se as superstições de alguns foram acertadas.

AS LENTES MAIS DURÁVEIS — Os 30 milhões de brasileiros que usam óculos e estão sujeitos a acidentes têm, agora, um método seguro contra o perigo de quebra acidental ou desgaste. Dois engenheiros de Santos, São Paulo, conceberam uma máquina endurecedora de lentes que pode ser adquirida por qualquer ótica do País. Os engenheiros são Roberto Morozetti e Wagber Neureberger Cota, que fundaram a empresa ROWAG (Ind. e Com. de Equipamentos Óticos Ltda.), com sede na Praça Daniel Bitencourt, 63, Vila Romana, São Paulo, fone 263.2122. O processo tem se revelado da maior utilidade.



TIRE SUA EMPRESA DO GELO CONTRATE UM FOCA*

O segredo não é mais a alma do negócio. Calar significa isolar-se, ficar no «gelo». Agora, o caminho para o sucesso da sua empresa é falar com competência. E ninguém melhor do que o foca para ensinar sua empresa a falar.

Novos profissionais de comunicação deixam os bancos da UFRN, trazendo até você especialistas em divulgação, redação jornalística, assessoria de imprensa e de relações públicas. Além de novas idéias na cabeça e muita garra.

*Jornalista novato, segundo o dicionário de comunicação.

Trabalho elaborado em aula prática de TPDJ IV. Turma Concluinte de Jornalismo 1983 – UFRN.

O R. G. Norte e os presidenciais

MANOEL BARBOSA

A campanha presidencial, pelas características do centralismo brasileiro, toca de perto os Estados. Como os Estados dependem diretamente de Brasília e nada pode ser feito sem as suas bênçãos, a campanha presidencial passa a afetar de maneira drástica as posições estaduais. É claro que a mudança de um Presidente diz respeito a todos os brasileiros. Mas a questão não é propriamente essa. Não se trata de um interesse nacional por um problema nacional. Trata-se de uma vinculação mais profunda, de problemas relacionados com a dependência direta dos círculos brasilienses. Os Estados que têm economias mais fortes, que têm mais condições de respirar por si, também estão empenhados no processo sucessório presidencial. Mas a importância para cada um deles, em função à escolha e ao ungido, é diferente. Alguns estão almejando diretamente a Presidência, através de nomes e grupos que têm possibilidades de chegar a ela. Outros compõem os blocos de pressão, de um ou outro lado. O Rio Grande do Norte deseja, com desespero, a sombra do Poder central simplesmente para poder sobreviver.

É uma situação vexatória. Um Estado pequeno e que, por ser pequeno economicamente, ter de estar mais preocupado do que os outros com um assunto de tamanha importância. Uma preocupação que nasce da própria insignificância.

É uma penosa indignação. O Rio Grande do Norte padece da grave deficiência gerada pela sua inação. A grosso modo, é de se dizer que o Estado não conta, porque, afora alguns segmentos que não chegam a ter expressão de peso no contexto geral, podia até não existir que a União pouco estaria se importando. Dentro desse desagradável contexto é que se pode entender a euforia e a satisfação do ex-Governador Tarcísio Maia por ser conseguido, finalmente, colocar a fábrica de barrilha e a Alcanorte na órbita da Petrobrás. Nenhuma força, dentro do Estado — e daí a constrangedora prova da sua insignificância nacional — poderia fazer o Governo Central liberar recursos para a conclusão da fábrica de barrilha de Macau. E, no entanto, a barrilha é um produto vital, estratégico, a nível de segurança nacional. A fábrica, por sua vez, é o componente inicial de uma cadeia da maior importância. Um conjunto a se desenvolver e com capacidade de gerar um nível mais alto na economia do Estado. Um nível que lhe dê respeito e importância.

Sem o amparo da Petrobrás a fábrica de barrilha

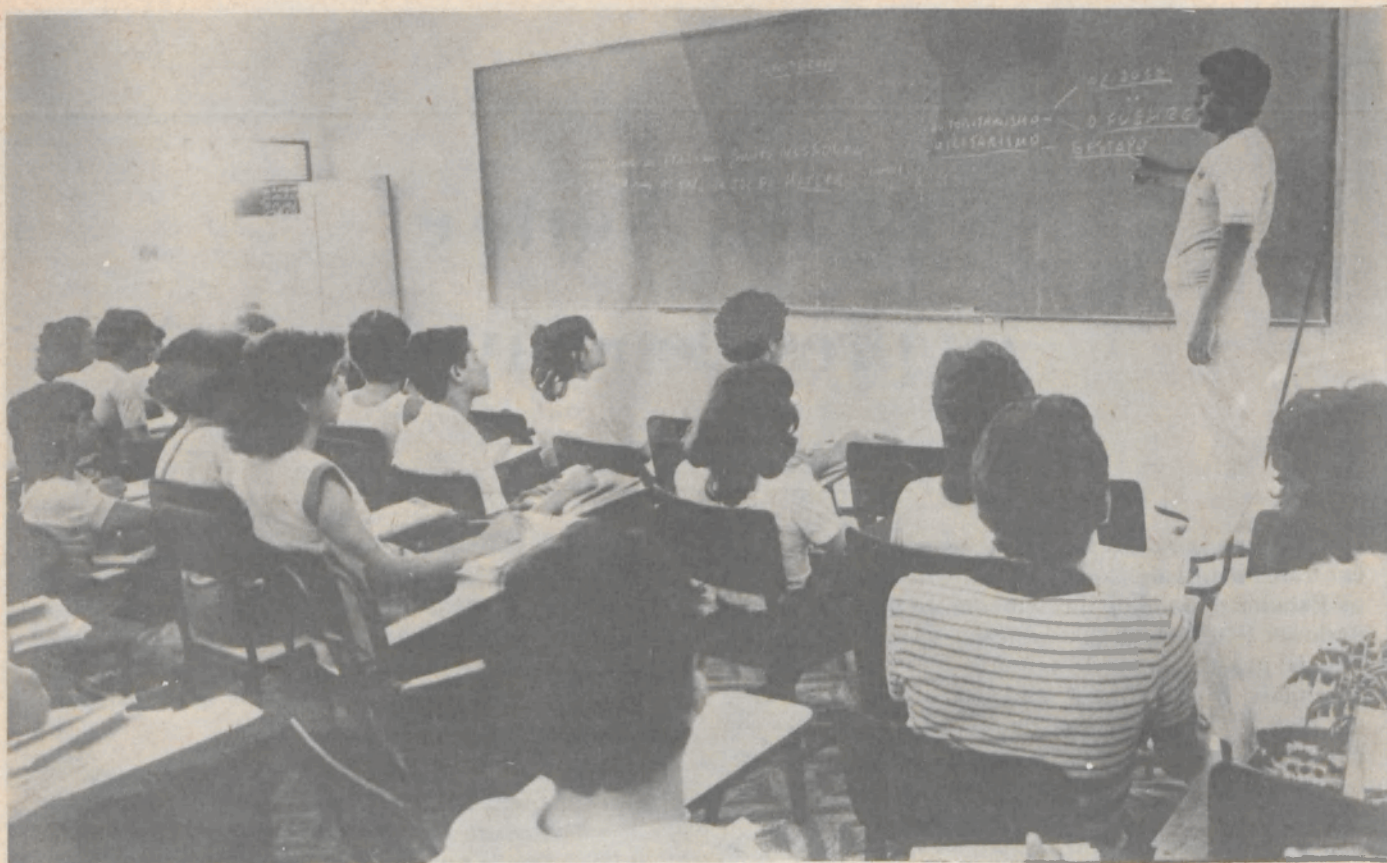
não sairá. E não sairá sem esse amparo porque o Estado não tem força política nem expressão econômica suficientes para sensibilizar o Governo Central, sobretudo numa hora delicada de aperto econômico como agora, quando o mais importante, para os homens da equipe de Delfim Neto, é satisfazer os impacientes banqueiros internacionais e o FMI.

Nessa fase preliminar de eleição presidencial — mesmo as indiretas — o Rio Grande do Norte é forçado a se comportar como aquele eleitor pobre que só tem importância no período eleitoral — direta. Como se sabe, em eleição o eleitor é cortejado, seja ele rico ou pobre. O Rio Grande do Norte, diante da conjuntura internacional, está nessa condição. Passa a apelar para que o novo Presidente seja alguém com uma queda toda especial pelo Nordeste — e se possível o Rio Grande do Norte — ou, pelo menos, que seja um homem com bons amigos aqui. As grandes conquistas do Estado, em várias épocas, foram em razão de amizades eventuais de Presidente do País (ou Ministros influentes) com líderes do Estado. Basta lembrar o que o então Presidente Costa e Silva fez pelo ensino superior de Mossoró, atendendo a instâncias dos Rosado.

O Rio Grande do Norte precisa de um amigo sincero no Palácio do Planalto. O Rio Grande do Norte precisa de Ministros do Planejamento que não tenham o coração só em São Paulo.

O Rio Grande do Norte está precisando de uma mãozinha para ter acesso ao que tem direito. Infelizmente é assim neste País com a administração excessivamente centralizada. A Federação é uma miragem. Os mecanismos que regem o País são coordenados por indivíduos, por algumas vontades, as vezes até por certos caprichos, como é o caso das obras faraônicas. Até as necessidades não valem. Falta equanimidade administrativa. Falta, realmente, o sentido pleno da Federação, a identificação com o espírito federativo, porque a figura da União se agiganta, ofuscando tudo.

A importância da sucessão presidencial para o Rio Grande do Norte chega a ter quase o mesmo nível da sucessão governamental. Uma coisa está vinculada a outra. Por isso que nas esferas políticas o assunto emociona tanto — mais do que a já natural emoção que desperta a mudança de um Presidente no Brasil dos últimos 20 anos.



Ensino de qualidade: difícil e caro, atualmente

ESPECIAL — I

Dilema do ensino: pagar caro ou arriscar na escola pública?

Depois do sufoco que foi o ano de 1983, chegamos a 1984 (quem leu e ainda se lembra de George Orwell?) e, ao invés de renovadas esperanças de dias melhores, as perspectivas são as mais negras possíveis. A política econômica do Governo não deixa brecha para que a população tenha uma vida mais tranquila e a maioria dos habitantes do planeta Brasil vai sofrer na carne as consequências, ou seja, privação de suas necessidades básicas como alimentação, saúde e educação. Sim, porque educação é uma necessidade básica para o crescimento e sobrevivência do homem. E no Brasil o que se tem feito por ela, senão diminuir mais e mais as suas verbas? A nível de Estado, quantas mil crianças não estão sem escolas, e as que conseguem chegar até lá, com que dificuldade e em que estado encontram essas escolas? E as que conseguem chegar, o que aprendem e em que condições? E a marginalização que prolifera principalmente nas

escolas periféricas? O que fazer com os alunos que estão saindo das escolas privadas devido à séria crise financeira que atravessamos, se o número de vaga na escola pública não dá nem para atender a classe mais pobre?

Além dessas inúmeras questões, há a queda no nível de ensino de maneira assustadora. A quem culpar? Aos professores? À Universidade, que forma mal esses professores ou ao Estado, que remunerando mal o magistério, não pode lhe exigir grandes esforços? A escola pública hoje é «mal falada», desacreditada e muitos pais (principalmente os da classe média que estão diante da queda do padrão de vida) temem levar seus filhos à escola estadual ou municipal, acreditando que isso vai lhes comprometer o futuro profissional. O que fazer então?

MAIOR EXIGÊNCIA, MELHOR ENSINO — Esse temor de muitos

pais classe média, segundo a presidente da Associação dos Orientadores Educacionais, Vilma Victor Cruz, talvez não tenha muita procedência, pois ela acredita que, ao contrário, “se a classe média colocasse seu filho em escola pública, melhoraria o nível de ensino, devido ao nível de exigência”. A classe pobre, que mantém seu filho em escola pública, não reclama, é omissa, até porque não tem instrução suficiente para saber de seus direitos, enquanto que os mais abastados sabem e gritam por ele.

O presidente da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, José Antenor de Azevedo também não acredita que o nível educacional dos alunos da classe média vá se comprometer se eles forem procurar a escola pública, e diz mais: “Se a demanda for grande, o Governo que se preocupe em encontrar soluções, porque o ensino público e gratuito para todos está previsto em Constituição”. Ele coloca que os professores

da rede particular de ensino são os mesmos da escola pública, a diferença é que a classe mais abastada dispõe de melhores condições para adquirir mais informações, extra-escola.

Embora há três meses Antenor Azevedo tenha afirmado que a APRN estava fazendo campanha de conscientização dos professores, que em muitos casos estavam sendo relapsos, ele disse agora que nos últimos três anos tem havido um maior engajamento da classe. Ele frisou: "O momento histórico também contribui para melhorar o desempenho profissional do professor", o que tem prejudicado o ensino é a total falta de condições materiais das escolas. Tem muitas escolas onde faltam desde quadro, giz e esponja, além de papel, considerado um material da maior importância para a aprendizagem do aluno.

"E a burocracia é que entrava a reposição do material necessário nas escolas, como também a resolução de problemas de disciplinas sem professores", observa Maria de Fátima Bezerra, vice-presidente da Associação dos Orientadores Educacionais.

DISCRIMINAÇÃO — A demanda de alunos da rede privada para a pública, disse Vilma Victor Cruz, em menor escala provocaria uma discriminação, porque o lugar da criança pobre seria tomado pelo mais abastado, além da discriminação a nível interno. Seriam acentuadas as diferenças entre uma classe e outra, nos hábitos e costumes.

A questão da disciplina (falta de), marginalização e até um estado de promiscuidade nas escolas públicas,



Antenor: "melhorar o professor".

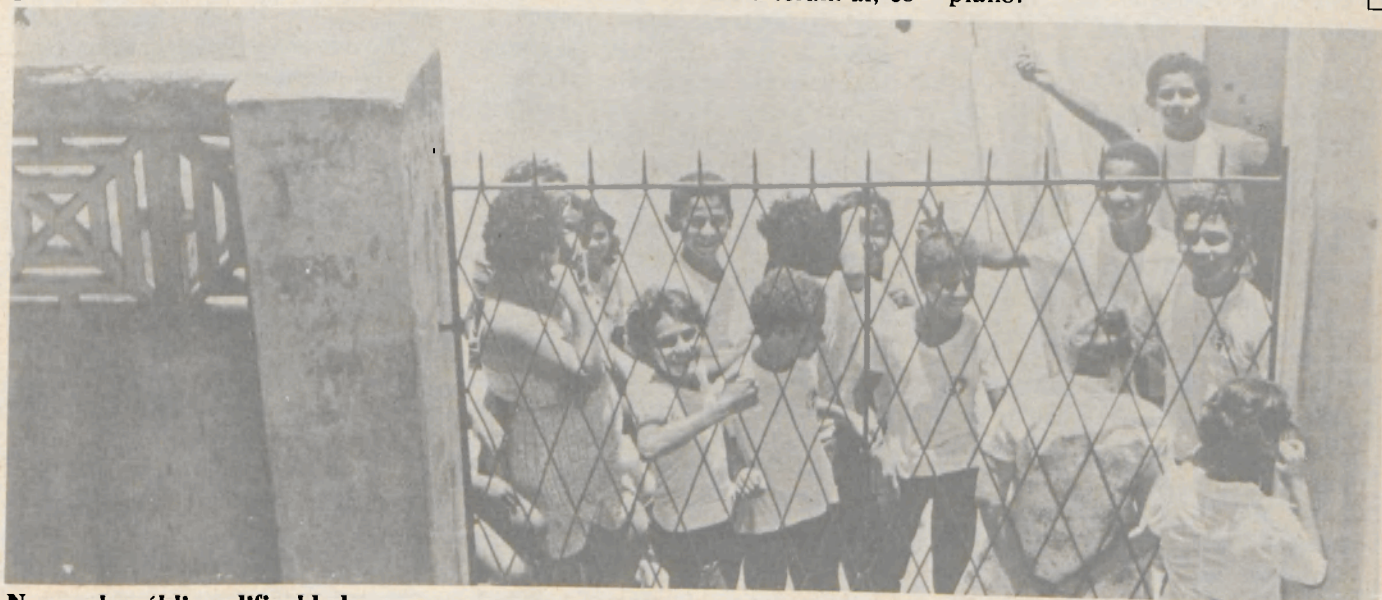
seria um dos pontos questionados e temidos por essas famílias acostumadas a manter seu filho numa escola de renome, onde a rigidez na disciplina é uma constante e que para muitos a repressão é mais acentuada, embora com a conviência dos pais. Para Vilma Victor, "a disciplina apenas mudou de forma. Os mecanismos é que foram alterados. Hoje não se usa mais palmatória, mas há a expulsão da sala de aula".

"A disciplina foi afetada pelas relações sociais que existem hoje no Brasil. O status do professor decaiu e isso reflete na sua autoridade dentro da sala de aula. Outros elementos dentro da escola foram assumidos pelos técnicos, como a função de autoridade, de repressor. As relações do professor/aluno se alteram aí, co-

mo também pela condição social do aluno. Essas relações têm piorado bastante, e à medida que pioram, as contradições se acentuam mais. Os alunos não têm mais aquele medo".

Disse ainda Vilma Victor que a escola continua no mesmo esquema «arrumadinho», exigindo hábitos e atitudes de uma outra classe. Os comportamentos de rebeldia são reflexos da questão social.

Quanto à evasão, um dos problemas mais sérios enfrentados no ensino público é, segundo Vilma, um mero mecanismo de defesa em relação ao autoritarismo da escola, dos padrões por ela estabelecidos. Ela critica ainda os sub-sistemas de ensino como prioridade, em detrimento do ensino formal, que vem em segundo plano. □



Na escola pública: dificuldades

Hélio promete preparar de novo escola pública

Reconhecendo o caráter elitista e alienante das escolas, “que impõem hábitos que nada dizem”, o Secretário de Estado da Educação e Cultura, Hélio Xavier de Vasconcelos, há pouco mais de dois meses à frente da Pasta, afirma que a partir “do momento em que a classe média vai fazer seus filhos ingressarem na escola pública, sobretudo por conta da crise,

acho que a escola pública tem mais é que se preparar e valorizar o ensino, para que não continue sendo acusado de ministrar uma péssima educação. A responsabilidade cresce na medida em que vai atender uma camada da população mais conscientizada e mais exigente, embora ache que anteriormente a preocupação e as responsabilidades deveriam ser as mesmas,



Acabar o panorama desolador das salas sem c

A ciranda das despesas de quem tem filho estudando

A crise financeira, consequência da política econômica imposta pelo Governo, não só preocupa, como tem mudado literalmente os hábitos e costumes de uma grande parcela do povo brasileiro. Todos sabem que o brasileiro hoje come mal e muito pouco, quase não tem condições de se vestir ou calçar, não se diverte e aprende mal, ou seja, o nível de educação está bem abaixo do desejado. A minoria que consegue colocar seus filhos em escola particular está diminuindo cada vez mais, porque o custo de vida e os frequentes aumentos das anuidades escolares não têm permitido o sustento de mais de uma pessoa na escola privada. Está havendo um verdadeiro êxodo das escolas particulares para as públicas.

Além dos aumentos exorbitantes das anuidades escolares de 1.º e 2.º graus, o pai de família que tem seu filho na rede privada de ensino tem uma série de gastos extras, geralmente exigidos pelas escolas. São as famosas taxas para qualquer tipo de atividade desenvolvida na escola. Tem ainda as despesas com livros, cadernos e transporte — grande parte de pais de menores pagam transporte para o filho estudante.

No ano de 83, por exemplo, o Conselho Estadual de Educação autorizou dois aumentos (ou um

parcelado em dois semestres), cada um de 40 por cento. Porém para este ano de 84, o aumento superou todas as expectativas, muito embora o CEE ainda não tenha autorizado nenhum aumento, o que fará somente no mês de março, coincidindo com o início das aulas. As escolas, no ato da matrícula, já distribuíram os novos carnês, cujas mensalidades exibem um aumento da ordem aproximada de 70 por cento. Informam os diretores de escolas que, quando a nova percentagem for autorizada por quem de direito, as escolas encontram uma maneira de regularizar as anuidades da seguinte maneira: se o aumento for menor ou maior do que o já aplicado pelas escolas, a diferença é abatida (ou aumentada) na última prestação. Isso para muitos pais é um «roubo», porque o dinheiro fica nas mãos da escola, enquanto poderia ser utilizado pelos pais de alunos para atender as necessidades peculiares de cada um. No Colégio Marista, um aluno de 4.ª à 8.ª série que pagava a mensalidade de Cr\$ 15.352,00, passa a partir deste ano de 84 a pagar Cr\$ 23.233,00. No Colégio Salesiano está afixada na parede da diretoria, desde dezembro, os novos preços: de 1.ª à 4.ª série, a mensalidade é no valor de Cr\$ 19.273,00, de 5.ª à 8.ª (uma pequena diferença), Cr\$ 19.870,00

e as duas primeiras séries do 2.º grau, Cr\$ 22.292,00. Na 3.ª série ou pré-vestibular, a mensalidade quase dobra, Cr\$ 40.626,00. Os preços variam de colégio para colégio.

DROGA DO MESMO JEITO — Apesar da crise, as razões para matricular o aluno na escola privada são vários, desde a falsa ilusão de status até a existência de maior espaço e a idéia de que na escola particular o nível de ensino é melhor. Outro aspecto levado em consideração pelos pais de família é a disciplina imposta nesses colégios, bem mais rígida do que nas escolas públicas, porém a necessidade de «apertar o cinto» tem sido mais evidente e muitas crianças estão saindo da rede privada e se matriculando na estadual ou municipal, mesmo enfrentando o medo da queda no nível da aprendizagem.

Um dos entrevistados, funcionário de empresa mista, ocupando algumas das diretorias (pediu para não ser identificado), teve que recorrer à escola pública para seus filhos que, só em anuidades, chegaria esse ano a um total de mais de Cr\$ 100 mil a cada mês. Mas esse fato não lhe traz grandes preocupações, confessou, porque “está uma droga tanto o ensino particular, quanto o público”. Ele acredita que vale mais o acompanhamento dos pais e faz severas críticas à escola particular que, na ânsia de ganhar mais dinheiro, organiza uma classe com mais de 40 alunos, quando o ideal, pedagogi-



ndições

porque os setores populares merecem o mesmo respeito e ensinamentos”.

Repetindo uma frase do “velho educador Anísio Teixeira”, Hélio Vasconcelos diz que a educação é um direito de todos e com esse verdadeiro êxodo para o setor público, tem que se ter o maior cuidado para não discriminar o aluno pela sua condição social, “ela não pode criar distinções e é isso que vamos procurar fazer valer na prática”.

A queda no nível de ensino, cuja responsabilidade tem se transformado em jogo de empurra entre a Universidade e a Secretaria de Educação, deve ser um problema encampado por todos os setores, conforme

disse o Secretário. Ele diz que “todos somos responsáveis, na medida em que não integramos esforços para melhorar o 1.º e 2.º graus e possibilitar o pouco que entra na Universidade”. Hélio Vasconcelos acredita que se pode fazer alguma coisa, desde que se faça com humildade, que o sistema educacional como um todo se volte em favor do educando e sobretudo indo ao encontro da programação que retrate a real situação dos alunos, sobretudo aqueles da zona rural e periférica.

A existência do professor relapso, que tem sido bastante questionada pelos alunos, é, segundo o Secretário, também consequência das condições de trabalho e isto influi na quali-

camente, é 30 alunos em cada sala de aula. O entrevistado critica ainda a mudança constante de livros nas escolas particulares, que não permitem que os livros passem a ser utilizados por uma segunda pessoa, no caso, quando dois filhos poderia aproveitar um mesmo livro.

Funcionária da Caern, Alméria Botelho Miranda, que teve de tirar seu filho, na terceira série do 1.º grau do Colégio Salesiano para uma escola pública, acredita que o nível de aprendizagem de seu filho vai ser prejudicado, “mas eu vou ficar sempre em cima para ele estudar”. Alméria também é outra vítima da crise financeira que tem dificultado a vida de tanta gente nesse País. Seu marido teve um problema de saúde e devido a seu afastamento, foi prejudicado no emprego e uma das alternativas encontradas para enfrentar a recessão foi tirar seu filho da escola privada para a rede pública. “Eu tenho uma irmã que está fazendo tudo para continuar com seus filhos na escola”, confessou.

PROCURA CONTINUA — Para os diretores de escola procurados pela RN/ECONÔMICO, quase não se nota o falado êxodo das escolas privadas para a rede pública. O fato, existe, eles concordam, mas talvez em outras escolas. Um dos entrevistados (esse também pediu para ser identificado apenas como diretor de um colégio) afirmou que a demanda é mínima e quase não se percebe. “A procura no nosso colégio é tão grande que, se tives-

se dez salas de aula, todas elas seriam ocupadas”, afirmou.

Atendendo um total de 2.100 alunos, o Salesiano, como a maioria dos colégios particulares, dá bolsas de estudo e abatimentos, conforme as possibilidades de cada um e segundo o seu diretor, este ano está recusando ótimos alunos por falta de vaga.

A maioria dos dirigentes de escolas particulares entrevistados acha que o ensino na rede privada é melhor e um deles afirmou que falta estímulo aos professores da rede municipal e estadual de ensino “e esse estímulo é o salário e quem sofre são os alunos”. Ele diz que todo professorado das escolas públicas são contratados por intermédio de políticos “e o ensino deve ser apolítico. Não se deve fazer da escola um instrumento da política”, completou.

Na APEC (Associação Potiguar de Educação e Cultura), escola recém-criada, também não está havendo evasão, conforme confessou o seu diretor-presidente, Paulo de Paula que, embora conhecendo o fato que acontece em todo o País, frisou que o seu caso é «atípico». Ele destaca a qualidade de ensino como a prioridade da escola e desmente os temores e acusações de alguns que vê na proliferação de escolas particulares apenas um empreendimento empresarial, em detrimento da educação, e comenta: “As escolas particulares não recebem subvenção do Governo, se não cobrar as anuidades, como vão sobreviver”.

Paulo de Paula também acredita que a transferência de determinados alunos para a escola pública vai comprometer a aprendizagem, mesmo que essas escolas contem com bons professores, “mas há uma desmotivação geral dentro do sistema público desses mesmos professores”, argumenta. Ele lamenta que a recessão afete tão diretamente o setor educacional porque, no seu entender, “o maior patrimônio que se pode deixar para um filho é a educação. A decisão é do pai, mas o futuro é do filho”, filosofia de Paulo de Paula.

A APEC, disse, embora esteja em fase de implantação, não fará experiência com a educação. Usará todo um equipamento necessário ao acompanhamento pedagógico, mas manterá a educação fundamental, utilizando os mesmos métodos. Para fazer jus ao investimento de cerca de Cr\$ 500 milhões, a APEC reformou a antiga Escola 7 de Setembro e equipou-a com dois laboratórios de computação, circuito interno de TV a cores, júpiter para ginástica, sala de datilografia, serigrafia, laboratórios de físico-química e banco de livro, dentre outros.

A preocupação com as instalações e equipamentos da escola é, segundo Paulo de Paula, um dos fatores que contribuem para que não haja evasão, mas principalmente porque há muito tempo Natal não implantava uma escola de grande porte. “Para conseguir vagas nos tradicionais colégios existem muitas dificuldades”.

dade de ensino e essa é uma de suas preocupações a ser posta em prática a partir do próximo ano. Procurar minimizar as falhas que poderão existir no professor, com a integração professor-comunidade-aluno e cobrar dos professores o que é do seu dever, porque na opinião do Secretário, o professor está um pouco isolado do processo educacional e a partir do momento em que ele se integrar, haverá um maior interesse em melhorar o nível de aprendizagem do aluno.

VAGAS — Além da quase total falta de recursos para a educação, há grita geral devido ao reduzido número de vagas, principalmente na área pré-escolar que tem deixado milhares de crianças sem escola. Na Rede Estadual de Ensino, serão oferecidas em 84 dez mil e 120 vagas para o 1.º grau e mais 2.120 para o segundo grau. Com a inauguração e funcionamento em março de mais 13 escolas “no outro lado do Rio Potengi”, nos conjuntos construídos pela Cohab, serão oferecidas mais 25 mil e 800 vagas, 4.800 das quais são do 2.º grau.

Segundo o Secretário de Educação, essas vagas disponíveis não vão atender toda necessidade, “mas há um esforço muito grande do Governo no sentido de ampliar mais e mais os quadros de oferta. Em 84 a Secretaria vai procurar corrigir esse déficit através da política de planejamento da rede física”.

PLANOS — Embora as perspectivas, em termos gerais, para 84 não sejam das melhores, Hélio Vasconcelos disse que fez um esboço de um programa que ele tentará cumprir no próximo ano, “vamos tentar vencer as barreiras impostas pelos poucos recursos e aplicá-los adequadamente”. Atendimento ao pré-escolar em ambientes adequados será uma de suas prioridades, para que haja condições físicas e pedagógicas que favoreçam o seu desenvolvimento, seguida de atenção especial ao primeiro grau, especificamente no que diz respeito à alfabetização, “sobretudo no 1.º ano do 1.º grau, onde se constata o maior índice de evasão e repetência”.

Está prevista ainda uma revisão das práticas pedagógicas, com a finalidade de garantir uma escola aberta, voltada para os interesses e necessidades da população. Segundo Hélio, hoje a escola utiliza processos seleti-

vos, privilegiando apenas aqueles que estão engajados na estrutura produtiva do País. “Assim como há uma renda distribuída desigualmente entre os indivíduos, o capital cultural é também distribuído de maneira diferente, ou seja, baseado na sua vida, suas experiências, o que determina a posição que ocupa dentro da estrutura da sociedade. As classes subalternas não têm vez, principalmente no processo educativo e em consequência a escola não leva em consideração as exigências concretas da vida”.

Outros itens incluídos na programação para 84: garantir acesso às 8 séries do 1.º grau e onde houver demanda que seja assegurada a continuidade dos estudos; redefinição do ensino do 2.º grau, com ênfase para a habilitação do magistério; correção gradativa do déficit de atendimento escolar, através de uma política de planejamento da rede física; adequação de uma política de recursos humanos, de forma a assegurar capacitação permanente do professor; expansão do atendimento da educação supletiva, através do incentivo de diversificação de novas programações;

realização de estudos e pesquisas sobre as programações desenvolvidas no âmbito do 1.º grau, especificamente de 1.ª à 4.ª série e valorização do modo de sentir, pensar e agir da população envolvida no processo educacional.

Redescobrir o acervo cultural do Rio Grande do Norte, tanto no interior como na capital também será uma das preocupações da SEC, que pretende desenvolver programas integrados com a Universidade, através da Fundação José Augusto (vinculada à SEC) e Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

Para cumprir tais planos, apesar da crise financeira do País, o Secretário garante que os recursos já assegurados na área do MEC dão um certo ânimo.

De qualquer forma, informa, o Estado contribui com 19,4 por cento de seu orçamento para educação, que fica preso mais às despesas de manutenção. As demais atividades são realizadas com recursos oriundos do Ministério e para tanto a SEC manterá rigor em sua aplicação, atendo-se mais às necessidades urgentes do Estado. □



Em muitas escolas, o drama permanente

ESPECIAL III

Um professor acha que tudo é porque faltam os recursos

“É tudo uma questão de falta de recursos”, sintetiza o professor Waldson Pinheiro — responsável por disciplinas como Latim e Língua Portuguesa na Universidade Federal do

Rio Grande do Norte e ex-membro do Conselho Estadual de Educação — sobre a questão do baixo nível de ensino e a preocupação de uma parcela da população classe média, que agora

se vê diante do impasse: colocar ou não seu filho na escola pública, vez que as anuidades das escolas particulares estão subindo assustadoramente.

O professor Waldson Pinheiro acredita na escola pública que, no seu entender, tem tudo, ou pelo menos devia ter tudo, para ser uma boa escola, "inclusive pelo fato de não visar os interesses econômicos". Infelizmente há uma conjuntura e a escola pública está deficiente, completa, informando que há alguns anos atrás Natal tinha as melhores escolas públicas, como o Atheneu, que teve no seu quadro de professores nomes como Manoel Varela, Câmara Cascudo, entre outros que ajudaram a fundar a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

É a falta de recursos que tem prejudicado muito e também devido a esse fator, os professores são mal remunerados, criando-se uma situação de descaso. "A direção dessas escolas fica acanhada de cobrar dos professores". Segundo ele, a escola particular paga razoavelmente melhor, mas também deve-se levar em consideração o problema do mercado de trabalho.

PAGA DUAS VEZES — Diante da precariedade da escola pública, aparecem as vantagens da escola particular ("e a prova é a existência de tantas delas", observa Waldson Pinheiro), cujas anuidades estão muito altas para os padrões da nossa população. Ele frisa, porém, que não está tão alto como no Sul do País.

O professor Waldson defende a escola para todos, seja de que classe for e afirma que a família que tem seu filho na escola particular paga duas vezes. Paga ao colégio e paga em impostos, porque uma porcentagem dos impostos pagos pela população deve ser aplicada no setor educacional, garantindo escola para todos. "Até o catador de lixo, que vende uma caixa de fósforos, paga a escola".

Quanto à classe que usufrui da escola privada, o professor Waldson observa que paga caro, mas exige — "é uma coisa altamente elitista". Essa escola tem mais condições de proporcionar uma melhor qualidade no ensino, pelo menos conjuntural, porque tem mais recursos para isso, continua, mas também "tem o outro lado da moeda, que são as frequentes queixas dessas escolas ser puramente comercial". Há muitas reclama-



Waldson: escola pública devia ter tudo

ções de pais de alunos e professores que se sentem explorados.

O professor Waldson Pinheiro ainda faz severas críticas à proliferação de escolas pré-escolar, muitas vezes transformadas em meras empresas comerciais que rende. Vem daí a necessidade de mais rigor, por parte da Secretaria de Educação, na fiscalização dessas escolas, "porque há muito abuso nessa área, pois muitas vezes essas escolas são simples depósitos de crianças". Quem mantém uma escolinha para a classe média, geralmente se sai muito bem, lamenta o professor Waldson, que comenta ainda sobre a exploração de professores nessas escolas, que muitas vezes nem qualificação têm.



O dilema na escola pública

"Há muita coisa que o poder público é omissivo e deixa haver muita falha. Volta-se aqui aos poucos recursos para a educação. O ensino público poderia ter outra imagem e a fiscalização do ensino particular poderia ser mais eficiente".

DE QUEM É A CULPA — Se o nível de ensino no Estado é baixo, ninguém duvida. As reclamações são muitas e partem de todos os lados, culpam-se todos os setores e há, inclusive, a omissão de responsabilidade dos setores responsáveis. Culpa-se o ensino básico, culpa-se o ensino universitário, que não forma bons professores, além da falta de estímulo financeiro aos professores. Para o professor Waldson, a questão tornou-se um círculo vicioso — "A Universidade reclama dos alunos que chegam ao Vestibular mal preparados e o ensino básico reclama do produto da Universidade".

Ele comenta que sempre houve entrosamento da Secretaria de Educação com a Universidade para a preparação do professor e que ao longo de nove anos em que foi membro do Conselho Estadual de Educação essa discussão, em encontros e seminários, era constante. Apesar das intenções, Waldson diz que há uma espécie de divórcio entre a Universidade e o profissional que ele lança para as escolas de 1.º e 2.º graus.

"Acredito que devia haver uma preocupação muito grande nos cursos de licenciatura com os programas que são dados nas escolas. Devia haver uma adequação do aluno e sua futura profissão", completa o professor. □



POLÍTICA — I

No recesso, deputados vivem a dura realidade do povo

O recesso parlamentar, retirando os políticos do seu palco habitual, o plenário, para lançá-los num proselício bem diverso — as visitas ao interior, num contato diário e direto com o eleitorado —, transforma a atividade parlamentar num literal corpo-a-corpo com a dura e difícil realidade do povo. Afastados do ar refrigerado, das cadeiras confortáveis, dos cafezinhos e mordomias da Assembléia Legislativa, os deputados estaduais vêem-se obrigados a estafantes viagens e permanências nas mais distantes regiões do Estado, visitando um, falando com outro, ajudando mais alguém, num trabalho que o léxico político convencionou chamar de «regar as bases», o que pode soar com um certo ar de ironia pela simples lembrança dos cinco anos de seca que estão arrasando a economia do Rio Grande do Norte.

Mas tal atividade, antes de constituir-se num simples jogo de memória, em que o deputado pareceria estar dizendo ao eleitor longínquo “ainda não me esqueci de você”, torna-se, na verdade, um comportamento de larga importância, não só pelo convívio humano, mas, acima de tudo, porque cria a possibilidade da reivindicação, por parte do homem do campo ou do morador da cidade interiorana, além de permitir, ao parla-

mentar mais atento e com capacidade de visão global e interpretativa, a observação da questão rural em seus aspectos agrícola e agrário, bem como o problema da urbanização no interior, além das inevitáveis reclamações sobre a agricultura devastada e eternos atrasos no pagamento da



Nelson: atividade

Emergência. Assim, iniciado o recesso, começam os deputados a revoada às bases. Na verdade, trata-se muito mais da intensificação de um convívio, já que, ao longo de todo o ano, não são poucos os que, literalmente, voltam às origens, voltando à cidade natal e à região com que têm maior afinidade.

70 MIL QUILOMETROS — No PMDB, eterno andarilho, o deputado Garibaldi Filho, tido como cotado a candidato do Partido ao Governo em 1986, intensifica sua percorrida aos mais tórridos pontos do Estado, convivendo com os problemas e angústias que invadem o Rio Grande do Norte. Tido como um incansável batalhador, Garibaldi naturalmente destaca-se pelas constantes e demoradas incursões a todo o Estado, transformando seus finais de semana em extenuantes contatos com a dura, cruel vida do homem do campo. Tanto é verdade, que, pouco tempo após comprar um carro, o parlamentar quase funde o motor do veículo, sendo afinal obrigado a trocá-lo, ante a total impossibilidade de conserto. E hoje, poucos meses após a reposição do motor, o velocímetro já marca mais de 70 mil quilômetros rodados.

No PDS, destaca-se a figura avantajada do deputado Nelson Queiroz, que com seu jeito trovejante, vem, mandato após mandato, amealhando uma maior votação, indicativo claro de que o parlamentar, um homem de discurso ríspido e tido como linha dura, vem desempenhando bem sua atividade e representando a contento sua sufocante Jucurutu e adjacências do Alto Oeste norte-riograndense. Diferente de Queiroz até fisicamente, o deputado Márcio Marinho, presidente da Assembléia Legislativa, tem o comportamento de um diplomata e o discurso elegante e culto, a exemplo do pai, deputado falecido Djalma Marinho. Márcio, mesmo sendo um político mais aproximado às cúpulas, à atividade política de gabinete e plenário, não descuida-se do eleitorado e deverá seguir a Nova Cruz, para rever eleitores e garantir que não omite-se ao povo.

INSTANTE NECESSÁRIO — Da parte do PMDB, na Região Oeste, há o deputado Jota Belmont, que, mesmo durante o período legislativo desloca-se à sua ensolarada e sofrida Mossoró, para saber o que se passa ali nos tempos difíceis de hoje. Também no Oeste, mas pela sigla do PDS, o deputado Carlos Augusto Rosado, ex-presidente da Assembléia, também não esquece o seu canteiro político, fazendo repetidas visitas à sua cidade. Agora, pretende permanecer mais tempo, dedicando também especial atenção à cidade de Baraúnas, elevada a tanto por intercessão direta sua.

Já o líder da bancada peemedebis-

ta, deputado Paulo de Tarso, não se negará de voltar à sua Santana do Matos, classificando o reencontro com a comunidade como um instante necessário à atividade parlamentar. O mesmo diga-se do estreante Hermano Paiva. Mesmo cumprindo o seu primeiro mandato pela oposição, Hermano tem reivindicado em favor da Região Salineira, com constantes deslocamentos a Macau e Areia Branca, de onde conseguiu arrancar a massa de votos que o levou ao plenário da Assembléia Legislativa.

Por sua vez, o pedessista Marcílio Furtado promete intensificar os contatos com os problemas do interior, apesar de, durante todo o ano, haver comparecido como uma voz em favor de Nova Cruz. No Alto-Oeste, o deputado Patrício Jr. (PMDB), deverá buscar um estreitamento nas suas relações com as bases. É que, sendo a Região uma das mais penalizadas pela seca, Patrício tem sido obrigado não poucas vezes a levantar-se em protestos e denúncias, defendendo a necessidade de medidas que venham ao encontro das aspirações do homem do campo.

MISSA DO AGRICULTOR — Da mesma Região Oeste, mas representando o PDS, o deputado Getúlio Rego é um parlamentar discreto em plenário, mas de profundos vínculos com o seu setor e suas bases, o que tem demonstrado em raros porém bem colocados pronunciamentos e participação em Comissões Técnicas. Ex-desembargador, cumprindo o primeiro mandato, o deputado Amaro Marinho (PDS) também pretende intensificar a convivência com o interior.

José Fernandes, Manuel do Carmo, ambos do PDS, são, da mesma forma que Getúlio Rego, vindos do Oeste, onde mantêm os seus mais fortes vínculos. Seguirão para lá durante o recesso, não descuidando porém de um permanente diálogo com Natal, a fim de inteirar-se do encaminhamento da política de cúpula, apesar da modorra que cerca o momento.

A única mulher em plenário, Mônica Dantas, eleita na última luta política pelo PMDB, de colocações moderadas acompanhará a tendência geral, ausentando-se do perímetro urbano de Natal. O mesmo diga-se do movimentado Padre Cortez, velho peemedebista, que, com um discurso eloquente e de fácil compreensão popular, retira-se ao sofrido e seco Seridó, onde continuará a rezar semanalmente a sua Missa do Agricultor.



Rui Barbosa: muito procurado no recesso

Deputado eminentemente de cidade, o pedessista Rui Barbosa, um dos mais procurados na Assembléia Legislativa, juntamente com Garibaldi, não perderá a oportunidade para investidas interioranas, apesar de momentaneamente, voltar suas preocupações para com a criação da Secretaria de Esportes, para a qual seria o indicado, garantindo de vez a vaga ao suplente Rui Pereira, que, mesmo em plenário, pode ser desconvoado, voltando unicamente a conviver com as questões e o dia-a-dia do Ceará-Mirim.

UMA BOA IMAGEM — Na parte do PMDB, restam ainda Luiz Antônio Vidal, em licença médica, mas permanentemente ligado ao Agreste. Seu substituto, Montenegro Neto, só tem olhos para o Açu, de onde arran-



Patrício: estreitamento com as bases

ja os votos para a reeleição, mesmo, que, no último pleito, tenha logrado somente uma primeira suplência. No PDS, o líder do Governo, Leonardo Arruda, e o líder da bancada, Vivaldo Costa, além das obrigações que têm, em decorrência dos cargos que ocupam, terão também as atenções voltadas para o interior do Estado.

Na oposição, Manoel Torres, que voltou a cumprir mais um mandato, está permanentemente voltado para Caicó e o Seridó de um modo geral. Afinal, no PDS, o experiente Willy Saldanha, primeiro-secretário do Legislativo, voltará a percorrer os poeirentos caminhos da seca, enquanto o estreante Kléber Bezerra, que já conta com uma boa imagem como parlamentar, dirige-se a Tangará e vizinhanças, onde o pai, calejado ex-deputado Theodorico Bezerra, detém o curral eleitoral que tem garantido à família continuada participação na cena política norte-riograndense.

A revoadada política explica-se, assim, muito facilmente, pelo fato de que os parlamentares têm o seu grosso de votação no interior do Estado, muito embora Natal, por seu expressivo contingente eleitoral, contribua decisivamente para a eleição de parlamentares que tenham discurso voltado para a questão urbana. É no recesso, por mais paradoxal que pareça, que a política tem um dos seus momentos mais movimentados. Mesmo sem os discursos, projetos, denúncias ou reivindicações, tão típicos do plenário, a política fica fervilhando no silêncio, nas longas viagens, na visita às casas pobres, na visão direta e diária do cruel cotidiano do povo. □

Uma outra sucessão preocupando

Apesar do recesso e do aparente marasmo político que domina o atual período, deputados de ambos os partidos já são mobilizados em torno de um assunto, que, na verdade, somente deveria polarizar atenções em mais um ano: a sucessão presidencial da Casa, atualmente sob a gestão Márcio Marinho. Aos poucos, nos ambientes jornalísticos que cobrem o setor, nas reuniões informais em gabinetes parlamentares, nos corredores e em qualquer ambiente em que se falasse em política, as atenções voltavam-se sempre para a sucessão, um processo que já está deflagrado.

Mesmo ainda em caráter inicial, sem que candidaturas estejam definitivamente firmadas e sem que deputados de PMDB ou PDS tenham compromisso com qualquer nome, a sucessão da presidência da Assembléia Legislativa está em marcha, agitando-se a água desse rio, cujo estuário promete ser caudaloso e cheio de meandros, dificultando em muito a navegação de qualquer parlamentar que intente chegar ao cais presidencial, ali permanecendo por dois anos.

DA ABA DA SERRA — Logo às primeiras especulações nesse sentido, surgiu o nome do deputado pedessista Kléber Bezerra, que cumpre o seu primeiro mandato. Mesmo assim, seu desempenho em plenário, sua segurança, a forma como soube abrir espaços e impor uma imagem parlamentar atuante e segura, credenciaram-no para disputar o cargo.

Detentor de uma base eleitoral própria, independentemente de maiores interferências ou presença do Governo Estadual para chegar a ocupar um lugar em plenário, Kléber firmou-se com um desempenho convincente, ficando em segundo lugar na escolha do Parlamentar do Ano, título que foi atribuído ao opositor Paulo de Tarso, líder do PMDB. E chamado a manifestar-se a respeito de sucessão, tem dito que está analisando o assunto, somente assumindo publicamente um maior empenho a respeito a par-

tir de março de 84, quando os trabalhos legislativos serão reabertos.

Ainda quando a sucessão começava a ser abordada, despontou o nome do deputado Vivaldo Costa, líder do PDS na Assembléia Legislativa. Até então, o parlamentar, já calejado nas lides políticas, jamais havia manifestado intenção de chegar a ocupar o largo gabinete presidencial, preferindo, como se auto-definia em conversas informais, dizer-se “um matuto da aba da serra”, mais preocupado com problemas que dissessem respeito à sua esturricada Caió.

Mesmo assim, seu nome foi levantado ao palco dos acontecimentos e, diga-se de passagem, com cacife suficiente para bancar esse jogo. Detentor de inegável prestígio junto ao grupo Maia, tanto que é o líder da bancada, Vivaldo poderá contar com esse item como fator decisivo, quan-



Márcio: sucessão já movimentada

do o processo estiver em fase de reta final. Isso, porque, por mais que o governador diga que sucessão é assunto interno no Legislativo, o problema sairá da órbita do Palácio José Augusto, para girar em torno do sol palaciano. E aí, a interferência direta de José Agripino poderia decidir a questão a favor de Vivaldo.

O terceiro candidato é um ex-presidente da Assembléia, e cujo sucessor é o atual presidente, Márcio Marinho. Segundo se diz, o deputado Carlos Augusto Rosado está fundamentalmente empenhado em reassumir o cargo, e para tanto utilizaria toda a sua capacidade de mobilização, a fim de impor-se novamente, especialmente pelo fato de que, em processo de desligamento da liderança do deputado federal Vingt Rosado — que não se dá com os Maia —, Carlos Augusto mais e mais aproxima-se do

governador, fato que é, certamente, um trunfo não desprezível.

UMA ILAÇÃO — Na verdade, os três nomes até agora surgidos têm suas chances de vitória cotadas apenas à base de especulações. Ainda falta muito tempo para a consumação da mudança e as possibilidades de todos, em virtude das circunstâncias atuais, são equalizadas. Kléber, Vivaldo e Carlos Augusto estão, literalmente, na estaca zero, pelo fato mesmo de que inexistem ainda uma maior motivação para a disputa, pelo menos em termos coletivos, já que as bancadas preocupam-se mais com os graves problemas da seca, mergulhadas no recesso.

Mesmo assim, além da trinca de ases que inicialmente dispõe-se a chegar à presidência, ainda falou-se no nome do atuante deputado Mar-

cílio Furtado, que, mesmo assim, em duas oportunidades anteriores pretendeu o cargo, sendo preterido. Na primeira, em favor de Carlos Augusto e, dois anos depois, em função de Márcio Marinho. Mas, no que diz respeito a Marcílio, não fez qualquer manifestação a respeito, constituindo-se a lembrança do seu nome em mais uma ilação.

APERTADAS E DIFÍCEIS — Acrescenta-se à lista mais um nome. Trata-se do deputado Leônidas Ferreira, atualmente licenciado para o exercício da Secretaria da Saúde, cargo que exercia quando logrou uma cadeira em plenário. Num caso como o dele, o normal seria a sua não inclusão para a disputa, mas, conotações especiais, o credenciam ao posto. É que, comenta-se nos ambientes políticos, Leônidas, de todos os parla-

mentares, seria o que mais detêm a confiança dos Maia, agigantando-se sobre os demais na disputa pela presidência.

Segundo insistentes comentários, Leônidas seria chamado de volta ao mandato, especialmente para assumir o lugar de Márcio. Acontece o seguinte: o detalhe mais importante. é que quem estiver na presidência assumirá o Governo do Estado, em caso de candidatura do governador José Agripino e do seu vice, Radir Pereira. Agripino, deverá disputar a Câmara Federal ou Senado, devendo Radir também pretender uma vaga no Parlamento brasileiro. Assim, o Governo passaria às mãos do presidente da Assembléia e ninguém melhor do que Leônidas, segundo os Maia, para o cargo.

Mas o processo sucessório deverá apresentar muitos lances, acirrando-se a disputa interna ao longo de todo o ano. Mas uma coisa pode-se tomar como certa: Márcio Marinho deverá ser substituído por um desses nomes, num desdobramento de fatos que afinal deverá consultar o Palácio Potengi, a fim de que seja encontrada a fórmula definitiva a uma concorrência que promete ser mais apertada e difícil. □



Wilma Maia: a importância do artesanato

ARTESANATO

Wilma Maia tem planos novos para artesãos

Artesanato não é somente uma manifestação cultural, mas também um importante fator sócio-econômico, porque gera emprego. A afirmação é da Secretária do Trabalho e Bem-Estar Social, Wilma de Faria Maia, que discorda da acusação de que a orientação de um órgão oficial na produ-

**SANTO DE
CASA FAZ
MILAGRE?
FAZ.**

**Nós fizemos.
Completamos 14 anos de
trabalho sério e consciente
em favor do Rio Grande do
Norte. E vamos continuar
prestando, com o mesmo
nível editorial e gráfico.
Por isso afirmamos que
santo de casa faz milagre.**

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL
IMPRESSOS EM
OFF-SET E
TIPOGRAFIA

Rua São Tomé, 421 - Telefone (084) 222-4722 - Centro - CEP 59.000 - Natal-RN

ção de artesanato tem prejudicado a atividade como uma manifestação cultural. Ela diz que o que mais tem prejudicado o artesão são os atravessadores.

A Secretária do Trabalho continua destacando a importância de conservar a caracterização do nosso artesanato, mas ressalva que a orientação da STBS não implica em que "a gente modifique a cultura. Devido à grave crise que o País atravessa, a STBS está orientando para a produção de peças utilitárias, porque não adianta produzir indiferente à expectativa do mercado.

Há críticas também de que muitos atravessadores (o indivíduo que compra o produto e revende para as lojas) orientam a produção em grande escala para o consumo dos turistas, na maioria das vezes levando em consideração a expectativa desse consumidor, desvirtuando a atividade considerada exclusivamente como manifestação cultural. Mas para Wilma Maia, embora seja terminantemente contra esses atravessadores, há de se considerar o artesão no novo conceito emitido pelo Ministério do Trabalho: "Artesão é uma pessoa de habilidade manual que a usa para sua sobrevivência. Não é somente uma manifestação cultural. É «também» uma manifestação cultural".

Levando em consideração o fator econômico é que o artesão e sua assistência têm sido uma das prioridades da STBS. Segundo Wilma Maia, há no Estado cerca de 50 mil artesãos, dos quais apenas oito mil são cooperativados, o que significa ter assistência da Secretaria/PROART. A maior produção de artesanato se dá nas regiões do Agreste, Seridó e Trairi, onde são utilizadas matérias-primas como sisal, junco, palha de carnaúba, argila (para cerâmica), fibra de coco, além do bordado.

O número de artesãos no Rio Grande do Norte, continua, aumentou com a crise e conseqüente desemprego. Tem se tornado um meio de vida para alguns e um «bico», de renda complementar, para outros. O artesanato como renda complementar tem acontecido mais em Natal, embora o êxodo rural, para a capital já tenha caracterizado uma grande parte dos artesãos como ocupação única.

"Numa época de recessão não tem emprego no mercado formal e o trabalho informal tem sido uma saída para o desemprego".

COMERCIALIZAÇÃO — O grande

drama do artesão, a maioria residindo na zona rural, é a comercialização de seu produto. Em Natal, por exemplo, tem sido comum a presença de artesanato nas lojinhas da cidade, nos hotéis, nas praças e, principalmente, no Centro de Turismo, mas a Secretária do Trabalho destaca a grande quantidade produzida para exportação e o investimento que está se fazendo neste setor. Ela informa, por exemplo, que está sendo enviado agora para a França um mostruário da ordem de Cr\$ 1 milhão e 900 mil.

Wilma Maia diz que existem três formas de comercialização: através de cooperativas — tem uma central, localizada em Natal, e seis singulares; os atravessadores, esse considerado bastante prejudicial, e através de feiras permanentes.

As cooperativas, geralmente conveniadas com a STBS, são COASE (do Seridó), Copraia (de Touros), Cooper-Crutac (São José de Campestre), Copanal (Natal), COMAMO (Cooperativa dos Assistidos do Médio Oeste, em Umarizal) e Covale (Cooperativa dos Assistidos do Vale do Açu).

Os atravessadores, na sua opinião, são os mais perniciosos, porque os artesãos são muito explorados, eles compram os produtos a preços baixos e vendem até para o exterior. A feira permanente ainda é um meio novo no Rio Grande do Norte, iniciado a partir do I ENCART (realizado em meados de dezembro próximo passado), mas Wilma Maia garante que uma reivindicação dos artesãos, de realizar pelo menos semestralmente, será atendida. Ainda será definido um local e D. Wilma acredita no sucesso, porque o Estado tem um grande potencial, embora pouco conhecido, "mas precisamos tornar o artesanato mais popular, porque ele é muito elitizado", ressaltou. Ela destaca o trabalho da Proart, que tem se empenhado em fortalecer o setor de pesquisa para a organização da produção.

O consórcio, ligando várias iniciativas em torno do artesanato, também tem sido outra idéia da Secretaria do Trabalho para facilitar o escoamento da comercialização. A STBS ainda pretende incentivar as grandes empresas a investirem no artesanato, fornecendo matéria e capital de giro para o artesão, principalmente para as bordadeiras, na região do Seridó, que forma o maior contingente de artesãos do Estado, aproximadamente 20 mil. Nesse setor, frisou, o investi-

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan "pensou em construir, pensou na Saci", já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa "na hora de construir, pensam na Saci". E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Telex: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

mento é muito alto e a produção está se tornando inviável.

Além das grandes indústrias, diz Wilma Maia, a Secretária montará um traing (um show-room) para intermediar a venda do artesanato, sem nenhum interesse financeiro por parte da Secretária. Ela explica que isto será uma forma de pressionar as grandes empresas do Estado a adquirirem o artesanato potiguar. "Temos que ser mais agressivos, para que o setor tenha condições de competitividade".

TURISMO — Quando se fala em artesanato, associa-se logo a turista comprando. Segundo a titular da STBS, o turismo é um importante fator de venda do artesanato e "se tivéssemos melhor estrutura hoteleira, teríamos um maior número de turista divulgando nossos produtos e vendendo mais".

Mesmo destacando a importância do incentivo ao turismo, como uma forma de garantir o escoamento do artesanato, Wilma Maia dá ênfase ao trabalho desenvolvido pelo Proart, cuja preocupação maior é com assistência ao artesão, a partir do momento em que concede instrumental de



O artesanato potiguar ganha prestígio

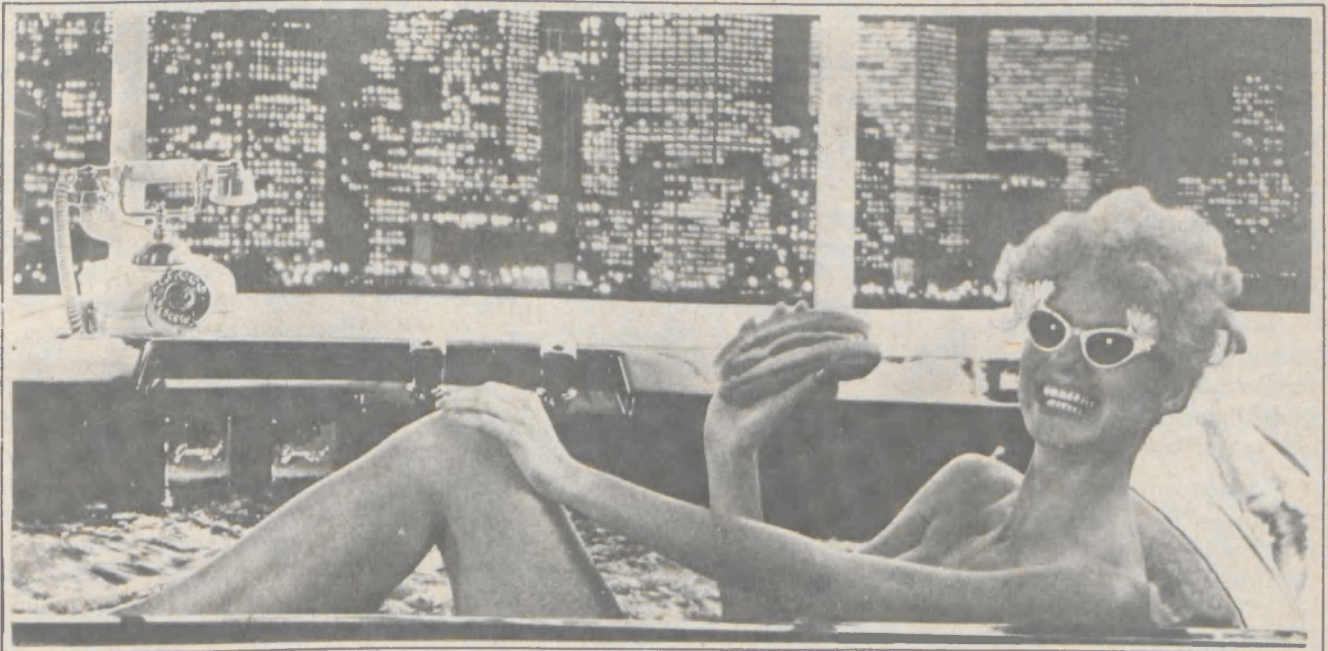
trabalho e se preocupa com as suas condições de moradia. Porém o que mais importa, frisa, é conseguir com que os artesãos entendam o processo em que estão vivendo e participem,

portanto, da melhor forma possível deste processo: "Daí teríamos os resultados mais favoráveis, tanto para a economia do Estado, como para a própria sobrevivência", completou. □

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia
Distribuidora de Ferragens

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natal-RN

Djalma Marinho: a hora de lembrar sua lição política

Há dois anos, o cenário político norte-riograndense via-se privado da vida de Djalma Marinho, e o plenário

da Câmara dos Deputados perdia um dos grandes discursos liberais, de quantos já floresceram no Parlamen-

Inflação e desemprego: uma ótica acadêmica

(final)

O desemprego é outro problema tipicamente econômico, ocorrendo, por vezes quer em países desenvolvidos, quer em países subdesenvolvidos, pois não guarda ele, senão relação com a produção que existe, quer em um, quer em outro daqueles tipos de países; a população total é todo o complexo de habitantes de certa região, constituída pelos homens e pelas mulheres que ali, podem trabalhar. Mas nem todos podem trabalhar, pois isso a população ativa é constituída pelos que, efetivamente, trabalham. Logo, desempregados são todos quantos, podendo, não trabalham. Embora pudessem trabalhar deixam de constituir, de integrar a população ativa e, são, por isso, desempregados: os doentes, os que foram despedidos dos empregos que exerciam e que estão no aguardo de novo emprego, aqueles que, onde residem, não encontram trabalho, etc.

Podemos dizer, também, que o desemprego é a ociosidade involuntária de uma pessoa, que embora disposta a trabalhar não encontra quem a empregue.

Existem várias formas de desemprego: o desemprego estrutural resulta de uma mudança nas técnicas de produção de uma indústria ou na procura de seus produtos, que podem, em conjunto ou alternadamente, tornar desnecessário certo número de empregados. O desemprego de fatores de produção decorre do fato do produto poder aumentar em resposta ao acréscimo de fatores, sem, con-

tudo, variar o nível de preços da economia. Temos também o correspondente a situação de pleno emprego dos fatores de produção, tal que, pela utilização eficiente de todos os recursos disponíveis para se empregar o produto, não mais pode crescer em resposta aos estímulos da demanda, mas apenas o nível geral de preços da economia tenderá a subir. O desemprego institucional surge de obstáculos criados à mobilidade da mão-de-obra, em virtude de política pública ou privada, como uma fixação de salário em bases excessivas, pois o empregador privado pode considerar mais vantajoso renunciar a ajuda de um empregado especializado do que pagar-lhe o salário normal. O desemprego geral é o fenômeno de menor emprego da força de trabalho, isto é, do trabalho daqueles que poderiam trabalhar mas que não têm como fazê-lo ocasionado por uma maior quantidade de mão-de-obra disponível que sua demanda, por supressão de certas atividades da produção. Acreditamos que o desenvolvimento tecnológico, por um lado, trouxe consequências sociais, chegando, até mesmo, a determinar certas reações por parte dos operários; a introdução da máquina no processo da produção tem por efeito privar um certo número de trabalhadores do emprego que eles ocupam, por outro lado, observa-se que, se é verdade que a máquina causa o desemprego, a menos verdade não é que ela restitui, pelo menos em parte, aqueles que ela fez desaparecer.

to brasileiro. Sempre lembrado pelo Caso Márcio Moreira Alves, quando insurgiu-se contra as pretensões de cassação do deputado, e, na fase final de sua carreira, quando foi preterido por setores conservadores, de assumir a Presidência da Câmara, perdendo o cargo para o deputado Nelson Marchezan, Djalma marcou a sua presença na vida política brasileira

Com efeito, a máquina, ao desenvolver a produção, faz baixar o custo das utilidades, do que resulta uma maior produção e em consequência, maior necessidade de oferta, observando-se que a indústria de onde foi expulsa a mão-de-obra, tende a aumentar, fazendo com que novas indústrias se criem. No entanto, essa adaptação é mais ou menos demorada e imperfeita, do que resulta renovar-se sempre, o fenômeno de desemprego que podemos chamar de tecnológico.

O grande economista John Maynard KEYNES em seu livro Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro, defendeu a necessidade do Governo manter sempre a procura de mão-de-obra, sustentando a oferta de dinheiro e estimulando os gastos mediante taxas de juros baixas, isenções fiscais e obras públicas de preferência as que dependem de grande contingente de mão-de-obra, cuja teoria é válida até hoje, pois o incentivo a demanda por parte do Governo reduz o desemprego.

No Brasil, qual o tipo de desemprego e inflação? Naturalmente que o diagnóstico varia muito, dependendo das correntes a serem seguidas. A famosa corrente monetarista, da qual não concordamos, acha que a componente monetária é essencial na explicação da inflação, isto é, como os depósitos bancários crescem bastante em tempo de inflação, os empréstimos também crescem. Consequentemente, a população tem uma maior capacidade de comprar e há uma demanda maior, levando a inflação a subir. Os monetaristas acham que o volume de moeda acaba determinando os níveis de preços, ou se for contida a capacidade de compra da população, a inflação tenderia a cair, associando a expansão dos meios de paga-

citando Calderon de la Barca, um clássico espanhol, ao dizer: "Ao meu Rei tudo, menos a honra", no episódio em que queriam obrigá-lo a participar da cassação de Moreira Alves, Djalma recusou-se a colaborar com a medida autoritária e o Congresso foi fechado.

Hoje, RN/ECONÔMICO relembra a figura cavalheiresca de Djalma Ma-

rinho, antigo componente da famosa Banda de Música da UDN, um político que, a despeito de ter todo um potencial para servir ao Estado, muitas vezes foi preterido pela História, como quando perdeu as eleições para o Governo, para o então jovem Aluísio Alves, ou quando, surpreendentemente, foi suplantado para o Senado, pelo aparentemente inexpressivo ex-

marinheiro Agenor Maria.

Aqui, trechos do pronunciamento de Djalma Marinho, em 1981, quando recebia o título de Cidadão Natalense, conferido pela Câmara Municipal. Conteúdo e forma são recheados de um lirismo que, entretanto, não resvala para as emoções fáceis ou o jogo estilístico retumbante e inexpressivo.

Assim pensava Djalma:

mento e da capacidade de compra da população com o excesso de procura de bens e serviços.

Os não monetaristas opinam que, se os custos dos combustíveis sobem, os preços finais dos produtos sobem e já chegam altos nas lojas. Como consequência, mesmo que você feche os bancos para impedir que eles recebam depósitos e façam empréstimos, mesmo que caiam o número de compradores, os preços não vão cair, porque os custos são irreversíveis. Para a inflação cair é preciso que alguém resolva sofrer aumento dos custos, absorvê-lo e não repassá-lo para o preço do produto. A inflação, ainda segundo os não monetaristas, não cai porque alguém tem de perder «renda real», notadamente o sistema financeiro que foi o segmento da economia que mais se apropriou de renda nos últimos anos. Não vamos querer que os assalariados percam mais «renda real», pois são eles atualmente, os mais sacrificados com a desindexação da economia. Desindexar, na nossa ótica, pode significar tanto o fim, simplesmente do mecanismo (correção monetária) de proteção dos salários, quanto a adoção de uma fórmula pela qual a correção monetária e o INPC fiquem abaixo da inflação verificada, ficando os salários dos assalariados reajustados aquém do aumento geral dos preços.

O que vemos hoje no Brasil é a manutenção de altas taxas de juros, recessão econômica com desemprego (estagflação), um dos mais temidos problemas da economia. O que deverá ser feito é aumentar aceleradamente a oferta de bens e serviços, de um lado afastando o risco de recessão e desemprego, de outro pressionando para baixo os índices inflacionários. Não podemos combater a inflação com altas taxas de juros, porque a

nossa atual política de «combate a inflação», restringindo o crédito ao consumo e às empresas privadas e financiando a dívida externa somente com títulos colocados no mercado, está, há bastante tempo, empurrando as taxas de juros para cima, e dada das restrições, desestimulando os investimentos produtivos, dificultando o andamento dos negócios e, como consequência, gerando desemprego. Uma alta taxa de desenvolvimento econômico, com pleno emprego, conduzirá a menores taxas inflacionárias. Outras correntes advogam a tese de que, para reduzir a inflação, é necessário enfrentar um certo desemprego; se se deseja reduzir a taxa de desemprego, é necessário enfrentar certa dose de inflação. Existirá sempre, uma compensação entre inflação e desemprego; somos de opinião que para trazer a inflação sobre controle, torna-se necessário reduzir o desemprego e elevar o produto real. O produto brasileiro, hoje, é composto de maior incidência no setor industrial do que o agrícola, haja vista ser a agricultura o segmento econômico que atende como nenhum outro setor ao desenvolvimento equilibrado, econômico, político e social, porque permite a descentralização do processo econômico, em termos regionais e sociais, contribuindo decisivamente, até, para o nosso superavit comercial, amenizando, por conseguinte, o serviço da dívida brasileira.

No tocante ao desemprego em si, temos atualmente mais de três milhões de desempregados, constituindo-se o fenômeno em nosso mais grave problema social; o custo de manutenção dessa massa de desempregados gira em torno de doze milhões de cruzeiros por ano, equivalente a um sexto do nosso PIB. Um dos caminhos mais corretos para enfrentar o proble-

ma, consistiria no estímulo as atividades públicas e privadas, para a geração de empregos, mobilizadas as lavouras, a pecuária, a agroindústria e a construção civil, os quatro setores mais importantes na mobilização de mão-de-obra.

Se o Governo deseja, na realidade, combater a inflação e o desemprego e dar melhor nível de vida à população brasileira, ele precisa atacar o problema de frente, isto é, deixar de lado a atual política monetária até agora adotada e que não vem surtindo maiores efeitos, pondo em risco o próprio crescimento da economia nacional, e promover reformas estruturais nos campos social e econômico. É preciso haver uma definição na política econômica que vive na dicotomia capitalista, quando é a favor de livre mercado, mas que por outro lado é socializante, quando estatiza vários setores da economia. Os gastos públicos com aplicações sem o devido planejamento, sem a devida prioridade, são os maiores realimentadores dos índices inflacionários.

Se chegamos aonde estamos é preciso compreender o momento econômico, enfrentar com dignidade suas consequências sociais, preservar o processo de liberalização das instituições dos brasileiros em torno de um projeto legítimo, em termos de adequação à capacidade de geração de recursos internos.

Dizemos mais uma vez, a recessão aumenta a inflação e para vencer as perplexidades do momento somente muito trabalho e determinação, esforço redobrado para conseguirmos neutralizar o ceticismo dominante, mobilizando todos para a tarefa de reconstrução nacional e reordenação econômica.

JOSE RONALDO VILAR DE QUEIROZ

• Somos, os mais velhos, feitos de várias adolescências. Essa idéia proustiana, à margem do seu inevitável sentido nostálgico, tem de ressoar um valor ético inestimável porque o espírito revigora na duração de uma vida intensa.

• A minha aventura tem início nos trilhos da **Great Western**, que é onde começa a Cidade do Natal para os meninos de Nova Cruz. Foi o trem, em que na infância agreste somos permanentes passageiros imaginários, que primeiro me trouxe a notícia dos meus desígnios. Era um velho trem, que hoje recordo em sua marcha agonizante, no entanto uma fantasia mística a reinar entre a mata e a caatinga que limita, no tempo, o espaço da minha memória.

• As lembranças voltam e se renovam como folhas de um diário íntimo. Depois, a vida nova no Atheneu, a pré-Universidade do Rio Grande do Norte, já sob o signo das águas lentas do Potengi e do mar. Essa aliança das águas tem forte influência sobre os hábitos intelectuais e o caráter do homem natalense. Ali, no colégio, no mirante do rio e da cidade baixa, conheci amigos que como eu, no ardor da mocidade, iniciaram os seus destinos em várias direções. Recordo-os todos, na cabeça da velhice, como se recordá-los fizesse refluir a realidade precedente. Ali, no colégio também fiz e refiz consoladoras fantasias e por último parti para viver as minhas fadigas e o mundo inteiro de tristezas, alegrias e insolentes esperanças.

• Vi essa cidade (Natal) crescer, resignada dos seus sítios cedidos à arquitetura dos edifícios, desfeita de sua fisionomia provincial, às vezes, não raras, perdendo a alma encantadora das suas ruas, no entanto displicente e evadida em seu progresso.

• Mas, renascida da lenta demolição, refeita em largas avenidas, as chácaras do Tirol, abertas a traços de esquadro, nem assim mudou nela o espírito natalense. E persistem velhos hábitos, a vida alentada, sem pressa, nos encontros dos fins de tarde, como se fôssemos, talvez, à imitação dos devaneios de Marcel Proust, sempre lembrando nessas horas, uma cidade dupla, duplamente amada por jovens e velhos que urdem suas lembranças no desvelo da recriação permanente.

• Esse título (de Cidadania Natalense), eu já tenho no meu coração. Pois foi aqui que conheci minha esposa, fiz minha família, vi nascerem meus filhos e netos e neles acompa-

nei, pelo ciclo incessante da vida, a repetição dos meus projetos sentimentais.

• Falo, por isso, da tribuna da Câmara, a palavra de pessoas com quem convivo e me deram o voto, mas falo a palavra de pessoas anônimas ou de eventuais adversários políticos, porque falo a linguagem que volta à fonte, utópica às vezes, realista também, cingida pelas evasões sentimentais que fazem a alma do povo, mas a linguagem desenganadora, inexorável e lúcida.

• É difícil, sim, que um deputado do Nordeste, de uma representação numericamente reduzida como a do Rio Grande do Norte, possa furar o bloqueio dos sistemas, de tal modo que as suas intenções tenham a força de um resultado. A partilha do prestígio e dos favores, não digo dos favores pessoais, mas de favores à própria coletividade, que a isso somos levados, é um círculo de ferro em torno do parlamentar a quem quase sempre se perde a solidariedade dos remadores de galeras.

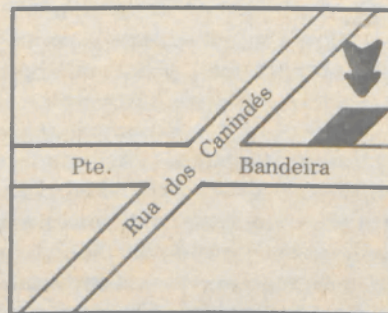
• Não defendo o confronto, nem me curvo à submissão. Quero o diálogo de parceiros no processo de reabertura democrática, sem adesão ou cambalacho, pois não há diálogo verdadeiro entre o senhor e o vassalo. Quero o rompimento do impasse político imposto pelo silêncio e pelo constran-

gimento, para cumprir o compromisso irrecusável com a instituição e da substância e honra ao mandato.

• Assim, agora candidato à Presidência da Câmara dos Deputados, numa campanha, talvez a balada remanescente dessas paixões da adolescência, mas que restaura no País o senso das decisões cívicas e impõe a responsabilidade dos homens livres, recolho a primeira inspiração dos seus ideais políticos e retorno, pobre, mas nunca avassalado, humilde, mas nunca humilhado, já velho, mas nunca encanecido na torpeza, pois retorno às minhas lembranças para refazer-me das feridas e consolar-me nas intenções e na espera.

• Recebo, com gratidão e orgulho, o título de Cidadania que me confere a Câmara dos Vereadores de Natal, proposta pelo vereador Antônio Goedeiro. Essa, sem dúvida, é a mais significativa homenagem da minha vida. Nesta cidade fiz o sítio dos meus sonhos, construí minha casa e cultivei cajueiros. Nela, à sombra e às luzes da minha tarefa, sepultei os meus mortos e à imitação do poeta, calcinei as lágrimas sob o sol, mas, confiante em Deus, também alimentei a força do meu espírito para as alegrias da vida intensa. À cidade e ao seu povo saúdo, feliz da Cidadania, que me iguala à esposa, aos filhos e aos netos, como eu, cidadãos da Cidade do Natal. □

PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.



SAVEL. SALUSTINO Presidente Bandeira, 737
VEÍCULOS LTDA. Alecrim — Tel.: 223-1551
Natal-RN



O verde é pouco em Natal...

AMBIENTE

Ainda há em Natal quem tenha amor pelas flores

Por se encontrar numa área onde a devastação da vegetação é secular, e onde, por isso mesmo, é pequeno o cuidado em plantar novas árvores, Natal ainda está longe de ser considerada uma cidade devidamente arborizada. E verdade que antigas árvores existentes nas ruas do Centro da Cidade e nos quintais das residências de bairros mais próximos dão um pouco de verde à cidade, mas apenas o suficiente para tornar menos trágica a paisagem desoladora do semi-árido que avança também em direção ao Agreste e Litoral. É verdade ainda que as plantas resistem muito mais à escassez de água do que às inundações. Entretanto, com cinco anos de seca, e nesse período com alguns pingüinhos de chuva molhando a cidade de vez em quando, somente as plantas mais enraizadas resistem. Assim, num clima onde a vegetação encontra tantas dificuldades para vicejar, seria natural a preocupação com plantio de mudas de árvores e sua permanente preservação. Acontece, porém, que as campanhas nesse sentido, desenvolvidas por órgãos como o IBDF, são esporádicas, praticamente se limitando ao período de Semana da Árvore, em setembro.

VULNERÁVEL — Dessa forma, a rala vegetação existente fica exposta às (maléficas) ações dos depredadores. Nos conjuntos habitacionais da cidade, as áreas destinadas ao lazer e à vegetação estão simplesmente abandonadas. Em Candelária, por exemplo, onde após a construção do conjunto, ainda existiam alguns metros de áreas verdes. Nos últimos meses elas foram completamente destruídas por tratores impiedosos a ser-

viço da chamada «especulação imobiliária». A fauna e a flora já não gritam de amor, como diria o poeta, mas por socorro!

As plantas, como se aprende na escola, são as grandes amigas do homem. Sim, grande amiga, porque as plantas não apenas nos dão ar, mas frutos, sombra e tranquilidade, sem cobrar o mínimo imposto por isso. Recebem em troca, repita-se, o descaço de muitos, o veneno da gasolina e o barulho infernal de automóveis e motocicletas. Até mesmo as expressões populares estão mais do lado do homem do que da planta. «Quebrar um galho», é um belo exemplo. Se um fulano está ajudando um beltrano quando «quebra o seu galho», o que é um gesto de solidariedade elogiável, por outro a expressão é danosa para os vegetais, pois quebrar um galho de uma planta é um gesto pequeno e mesquinho que deve receber a reprovação de todos. Deveria causar indignação.

AMANTES DAS PLANTAS — Na realidade, entre as (poucas) pessoas que se dedicam com grande amor às plantas, em Natal, é de se destacar o empenho dos (também poucos) orquidófilos da cidade em cultivar orquídea num clima adverso, quente e seco, como é o natalense. Entre esses raros orquidófilos, se destacam três: o botânico Sebastião Monte, um dos pioneiros em organizar orquidário na cidade; além dele, o médico Roberto Guedes, que já ganhou, no ano passado, um prêmio especial em um concurso de orquídeas, em Pernambuco; e o seu amigo Odel Schuler Costa, também um dos mais antigos cultivadores dessa bela planta em Natal.

“A orquídea é uma planta nobre.



...mas há seus incentivadores.

Exige muito cuidado e o devido conhecimento de como cultivá-la, pois é um vegetal típico de clima quente e úmido. Por isso, se adapta melhor na Região Norte. Também na Região Sudeste, especialmente na Serra do Mar, há uma grande variedade de espécies de orquídeas. Até mesmo nas dunas que circundam Natal, em meio a outras plantas da mata, há uma ou outra orquídea". A explicação é do doutor Sebastião Monte, médico e professor de Biologia de várias gerações de alunos que passaram pelos bancos do mais tradicional colégio público natalense, o Atheneu.

O professor Monte há cerca de 15 anos atrás possuía o orquidário mais bonito da cidade, mas foi obrigado, por falta de tempo, há alguns anos depois a doar as orquídeas a um amigo, embora tenham surgido boas ofertas de compra. Hoje, um dos orquidários mais famosos da cidade é o de doutor Roberto Guerra, localizado em sua residência no bairro de Morro Branco, próximo às dunas onde florescem algumas espécies dessa epífita. Esse orquidário foi visitado, há dois anos atrás, pelo famoso paisagista Roberto Burle Marx, outro grande amigo das plantas.

Os três orquidófilos são unânimes em afirmar que todo trabalho dispensado à orquídea, é compensado pela beleza de sua flor quando ela desabrocha. O que torna ainda mais belo esse momento é justamente o fato de ela somente florescer uma, ou no máximo duas vezes por ano. A orquídea, segundo algumas tradições zodiacais, está sob a proteção de Vênus e Libra, signos que regem as mais belas plantas. Interessantemente, ela tem grandes cultivadores entre as pessoas do sexo masculino. As esposas e mães dos orquidófilos acompanham também com grande interesse o cultivo.

O doutor Roberto Guerra, por exemplo, que não se limita apenas à cultivar mas também a pesquisar, disse que já catalogou 17 espécies de orquídeas nativas. Entre as suas descobertas, florescendo nas dunas de Natal, figura a espécie *Epidendrum cinnabarium*. Recentemente ganhou um prêmio especial num concurso em Pernambuco, com a *Catiléia granulosa*, conhecida popularmente como canela-de-ema, que floresce nas dunas da cidade. Mas não se pense que só existem essas espécies, porque os orquidófilos afirmam o contrário e garantem que existem aproximadamente umas 2 mil e 500 espécies de orquídeas.

Aqui, em Natal, havia outros habitat de orquídeas. Mas esses foram destruídos pelo homem, levando junto à destruição orquídeas e outras espécies de planta. "Um dia desses", relembra Roberto, "quando fui ao alto da Candelária, onde existia um vestígio de sua antiga mata, vi as orquídeas sendo soterradas por um trator que estava terraplanando o local para novos prédios naquela área".

Para cultivar orquídea, é preciso um local protegido do sol intenso e vento canalizado. Esse ambiente pode ser conseguido construindo-se um ripado que dará um aspecto de estufa. A cobertura poderá ser de ripas de

5 cm de largura e devem ser pregadas no sentido Norte-Sul, com espaçamento também de 5 cm. O vaso próprio para a orquídea é raso e com muitos furos e cultivado com xaxim, que deve ser novo, consistente e fibroso. A irrigação deve ser feita quando o xaxim estiver seco. A água deve ser jorrada em jatos leves, geralmente uma vez por semana. O ideal para que se conserve a umidade, é manter uma camada de vegetação no solo, tais como samambaias e avencas. Também devem ser combatidas as pragas, como os fungos, lesmas, caramujos, pulgões e cochinhilhas. □

QUADRINHOS

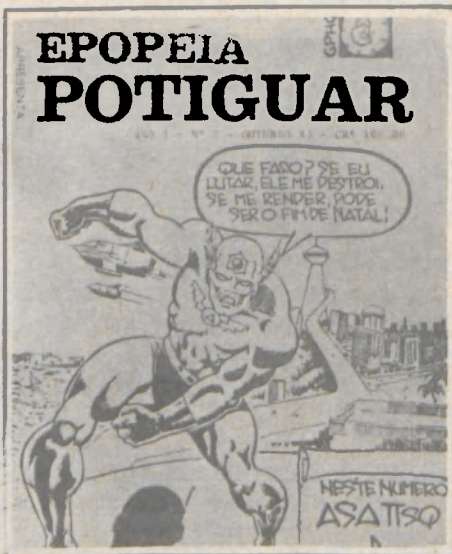
O RN não pode se queixar da falta de um super herói

A paisagem é típica dos melhores filmes de ficção científica: automóveis em forma de naves espaciais cruzando o céu da cidade, computadores, andróides e imensos arranha-céus. Assim será Natal no ano 2020, de acordo com os desenhistas de histórias em quadrinhos, Carlos Alberto de Oliveira e Aucides, natalenses. Juntos, eles criaram essa Natal futurista, onde vive **O Fantástico Asa Pi SQ**, que é possivelmente o primeiro super-herói natalense. Em sua primeira aventura publicada, "**Asa Pi SQ** cumpre a missão de defender a esquina do continente (Natal) dos ataques dos vilões espaciais que sentem-se tentados a aterrissar neste ponto geográfico tão propício ao pouso de suas naves que naquela época

cruzam as galáxias em busca de saques", explica Carlos, «pai» do super-herói.

Asa Pi SQ é parecido com os super-heróis do famoso roteirista de HQ norte-americano, Stan Lee. O próprio Carlos Alberto, 15 anos de idade, estudante da primeira série do segundo grau, morador do conjunto Santa Catarina, zona norte da cidade, se diz influenciado pelo trabalho de Lee e sua equipe, de quem gosta muito de um dos seus personagens, o **Capitão América**. Unindo a cultura pop dos quadrinhos a inusitados fenômenos espíritos, Carlos explica o nascimento de **Asa Pi SQ**: "Ele é um habitante do mundo astral, que se materializa no nosso mundo utilizando a energia ectoplasmática de Carlos Alberto". (Não, não se trata do senador potiguar. Mas sim do personagem-identidade-secreta que, "apenas por coincidência" tem o mesmo nome do seu desenhista e do ilustre político).

Carlos Alberto de Oliveira e Aucides fazem parte de um grupo formado por cerca de 10 desenhistas, que atuam no Atelier Central, onde produzem pinturas, desenhos, painéis, retratos, cartazes, letreiros, lay-out, serigrafia, HQ, escultura, gravuras e artes plásticas em geral. O Atelier está vinculado à Secretaria de Educação e se destaca principalmente pela obstinação em levar adiante uma tradição em pesquisa e produção de quadrinhos, que Natal conquistou após muitas lutas e dificuldades, no decorrer dos últimos dez anos. Eles



O herói potiguar

levam adiante um trabalho pioneiro do Grupehq — Grupo de Pesquisa e História-em-Quadrinhos, fundado há cerca de dez anos atrás, época em que reunia talentosos desenhistas potiguares como Lindenberg Revoredo, Cláudio, Edmar, Emanuel, Enoch, Alcides; e o teórico das HQ, Anchieta Fernandes. Desses artistas, alguns abandonaram o Grupehq, desiludidos com a competição com os personagens de Disney, Maurício de Souza, e outros que atraem maior atenção do público. Do grupo antigo, permanecem Alcides, Cláudio, Edmar e Enoch, agora ao lado de novos companheiros como Ivan Cabral, Luís Elson, Adrovan, Carlos Alberto e outros. Anchieta, por sua vez, ainda escreve sobre o assunto vez por outra em sua coluna «Leitura & Pesquisas», em A República.

OITAVA ARTE — Heróis e super-heróis de HQ fazem parte de uma cultura tipicamente norte-americana, de onde saíram os mais famosos personagens, como Super-Homem, Batman e Robin, Mickey, Pato Donald e centenas de outros. Lá, se criou uma indústria (como não poderia deixar de ser), cujo início remonta a época da publicação das primeiras aventuras de **Yellow Kid** (O Garoto Amarelo), de Richard Outcault, na segunda metade do século passado. O **Yellow Kid**, o primeiro herói das HQ, era publicado nos principais veículos de comunicação americanos, como o New York Times e New York Journal, interessados em aumentar o número de leitores.

Na realidade, outros países conseqüiriam, décadas depois, projetar seus principais personagens de HQ em outras nações. Até mesmo nos EUA. Da Argentina, por exemplo, temos a genial Mafalda, de Quino. Do Brasil, a popular turma da Mônica, de Maurício de Souza. Da França, Asterix, de René Goscinny e Alberto Uderzo. Assim, com o passar das gerações, a HQ se tornou hábito de leitura de vários povos. Hoje, segundo estatísticas, as histórias-em-quadrinhos são a parte mais lida nos jornais nacionais — Jornal do Brasil, O Globo, Estado de São Paulo, dentre outros.

Uma outra pesquisa, desta vez realizada pela Universidade de Boston, revelou que os **comics** são devorados por mais de 100 milhões de americanos, aos domingos, sendo que 90 milhões são leitores assíduos. É bastante conhecida a história de que duran-



Quadrinho: muita movimentação

te a II Grande Guerra Mundial, **Tarzan, Mandrake, Flash Gordon, Capitão América, Batman e Robin, Super-Homem**, em suas ações pelos quadrinhos, combateram direta ou simbolicamente os nazistas e japoneses para a satisfação das Forças Armadas dos EUA, de acordo com pesquisa do estudioso de HQ, Marcos Tenório, da Paraíba.

Natal, talvez influenciada pelos norte-americanos que por aqui passaram, aos milhares, durante a última Guerra Mundial, sempre viu com bons olhos os quadrinhos, mesmo na época em que muitos educadores apontavam efeitos negativos nessa

arte, como o de ser uma sub-literatura e prejudicial à formação dos jovens. Na verdade, esses argumentos, talvez por sua fragilidade ou parcialidade, acabaram sendo derrotados pelas estatísticas que apontavam entre os apreciadores dessa «oitava arte» não apenas grande número de adultos, mas pessoas inteligentes como Pablo Picasso, Alain Resnais, Jean-Luc Godard, Fellini, artista plástico e cineasta; e Edgar Morin, Umberto Eco e Moacyr Cirne, estudiosos da comunicação social.

O **Asa Pi SQ**, vem portanto, se juntar a uma galeria de heróis de HQ potiguares, alguns esquecidos e outros ainda em atividade, como o **Pivete**, de Edmar; **Capiroto** e **Labareda**, de Alcides; **Vagalume**, de Cláudio. Entre os que não estão sendo mais publicados, mas que merecem ser lembrados, destaca-se o personagem **Dom Inácio, o Bispo de Taipu**, de Lindenberg Revoredo. Até mesmo antes de **Asa Pi SQ**, surgiu um outro super-herói: aquele dos anúncios da Galux. Mas, por enquanto, ao contrário do **Asa Pi SQ**, que defende Natal e sua população, esse outro super-herói potiguar defende mais o interesse da firma para a qual trabalha. □



Desenha-se o perfil da fábrica de barrilha

INDÚSTRIA

Tarcísio não tem dúvida: Petrobrás toca a barrilha

Afinal sopram melhores ventos sobre a difícil jornada da fábrica de barrilha, um dos mais acalentados sonhos da economia do Rio Grande do

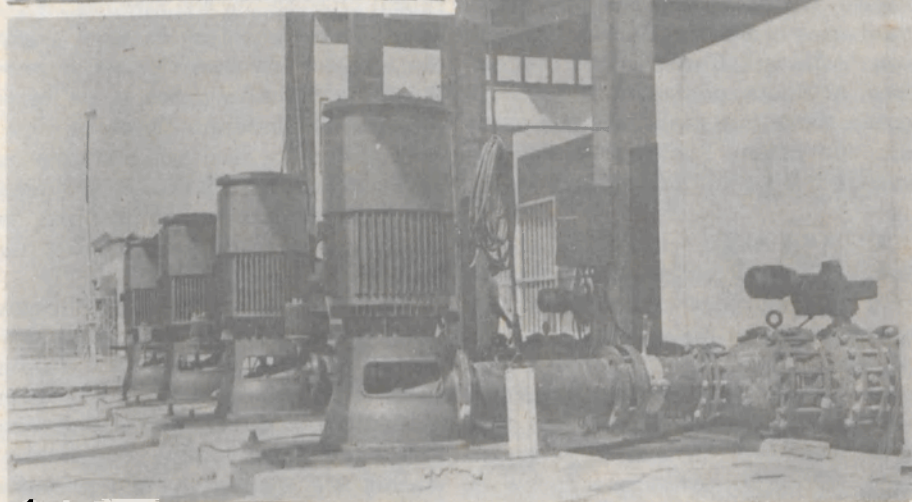
Norte nos últimos dez anos. Um sonho que, para alguns — como, por exemplo, o ex-Governador e atual Presidente da Alcanorte, Tarcísio

Maia — é uma realidade risonha para o futuro do Estado. Talvez, mesmo, o empreendimento com o maior multiplicador de riquezas diretas, mais, muito mais, do que o petróleo, porque se refletirá não só num conjunto de atividades, como em melhorias que vão desde a sonhada construção da BR-406, passando pelo aproveitamento em larga escala do gás natural a ser produzido em Guamoré e o alargamento do Porto de Natal. Por tudo isso, quando Tarcísio Maia reuniu a imprensa nos amplos escritórios da Alcanorte em Natal, na segunda quinzena de dezembro, para explicar o até então confuso noticiário sobre o controle da empresa pela Petrobrás, estava muito descontraído, tranquilo e satisfeito. Os repórteres esperavam encontrar um homem tenso. Pelo noticiário, a impressão era de que as modificações iriam ser prejudiciais à posição pessoal de Tarcísio — impressão essa que a Oposição potiguar cuidou de alimentar, como, de resto, o faria qualquer Oposição diante de um homem que tem sido eficiente condutor político do Partido do Governo.

A FÁBRICA EM DOIS ANOS —

Mas o que Tarcísio Maia disse aos repórteres foi simplesmente que, agora, a fábrica de barrilha de Macau será construída dentro dos próximos dois anos, apesar do montante do investimento a custos atuais — 76 milhões de cruzeiros — e a complexidade dos trabalhos que ainda têm de ser realizados. Por felicidade, segundo observou em sua conversa paciente e quase diática com os repórteres, o Brasil já tem condições tecnológicas de construir e implantar uma fábrica desse tipo, embora seja um empreendimento dos mais complexos. Com muita paciência, ele explicou certos mecanismos da transação que envolvia a Petrobrás. Disse que, como seria natural, os técnicos da empresa presidida por Shigeaki Ueki estavam, no momento, examinando papéis e elaborando relatórios. Mas, substancialmente, não haverá grandes mudanças na estrutura burocrática da Alcanorte, pois “é quase o mesmo que trocar os papéis de uma gaveta para outra”, conforme a expressão a que recorreu para idealizar a situação.

“A única diferença é que a Alcanorte é uma empresa onde o Governo tem 99 por cento da participação. E a Petrobrás tem 87 por cento. Então, de qualquer maneira, não é tão sim-



Tarcísio: confiança na conclusão da fábrica de barrilha

ples, tirar daqui e botar ali. Essa é a grande diferença e por isso não é tão simples a mudança e, de qualquer modo, tem de ser feita com todas as cautelas”, explicou o ex-Governador potiguar.

A FÁBRICA VELHA, A FÁBRICA NOVA — Há outros aspectos da transação em que a Petrobrás vai controlar a Alcanorte. Por exemplo: não existe só a fábrica de barrilha de Macau. Há a outra, em Cabo Frio, que Tarcísio Maia chama, no seu relato, de “a fábrica velha”:

“Então, os técnicos estão examinando a situação da fábrica, em Cabo Frio. Depois, passaram vários dias no escritório da Alcalis, no Rio. Após vários dias, se deslocaram para o Rio Grande do Norte, estudando em Macau como se encontra a implantação da fábrica. Depois, evidentemente, farão um relatório a própria Petrobrás. Aí, constitui-se um grupo interministerial para chegar-se as providências finais”.

Fazendo uma análise da difícil dança dos recursos que vêm sendo necessários com o correr dos tempos e da inflação, Tarcísio Maia disse que “em termos médios de 1983, essa fá-

brica custaria em 1973 135 milhões de cruzeiros, dos quais 76 necessários para a sua conclusão. Se é dinheiro em termos médios e, hoje, nós já estamos em dezembro, evidencia-se que já é necessário mais dinheiro”:

“É uma fábrica muito cara” — conclui — “e, por isso, é que o Governo está em compasso de espera em relação em sua implantação, como está em compasso de espera em relação a todos os empreendimentos das estatais pelo resto do Brasil”.

Fez um breve balanço das obras de outras estatais que estão paradas no resto do Brasil e quando um repórter perguntou se aquele era um dos motivos pelos quais a fábrica de barrilha de Macau estava parada, respondeu, enfático:

“Um dos motivos, não, é o único”.

UM SONHO ANTIGO — No decorrer da entrevista Tarcísio Maia teve oportunidade de lembrar, no ensejo da pergunta de um repórter, o começo do sonho da fábrica de barrilha em Macau. Ele disse ter sido em 1974, no Governo Geisel, “na época da euforia, na época dos grandes projetos”. Lembrou que, segundo se pensava na época, a fábrica deveria ter sido construída em três anos, no máximo em quatro.

Mas, depois, faltaram os recursos. Os projetos eram difíceis.

“É uma indústria complexa. A Argentina está com uma fábrica de barrilha guardada há mais de 20 anos sem poder inaugurar. Tão complexa, que no Brasil só quem entende de barrilha é o pessoal da Alcalis”.

Tarcísio acha muito importante, além disso, a barrilha na estratégia do desenvolvimento nacional:

“Tão importante” — assinala — “que a Companhia Nacional de Alcalis tem monopólio da produção e da comercialização. E a barrilha é considerada matéria-prima estratégia pelas Forças Armadas. Com a barrilha se faz vidro. Dois terços da barrilha produzida destina-se ao vidro. Já pensou na hora em que acabar a barrilha? Como fica a construção civil? Como ficam as fábricas de automóveis? Como ficam as fábricas de cerveja, de refrigerantes, de remédios, além de um sem número de indústrias menores? A siderúrgica precisa, a celulose precisa, o sabão precisa.

Depois, Tarcísio Maia dá uma explicação didática sobre barrilha:

“A barrilha é fundente do vidro. O vidro, fundamentalmente, é uma areia, com barrilha, levada a fornos de alta temperatura. Então a barrilha ajuda a fundir a areia, cujo ponto de fusão é muito alto. Essa a função da barrilha. A principal utilidade é a fabricação de vidro”.

Ele aproveitou também para esclarecer que não tinha nenhum equipamento inutilizado na fábrica de Macau. Esclareceu, apenas, que estava tentando junto a certos fabricantes aumento dos prazos de garantia para os grandes equipamentos que ainda não puderam ser introduzidos na fábrica porque são muito grandes, imensos:

“Mas já tem alguma coisa funcionando lá. Algumas obras estão funcionando, porque seria inconveniente parar. Os equipamentos que foram encomendados e cujo prazo chegou, estão sendo recebidos. Só que não estamos encomendando mais nada. E há lá também uma vila industrial e as casas dos engenheiros que foram concluídas quando eu assumi”.

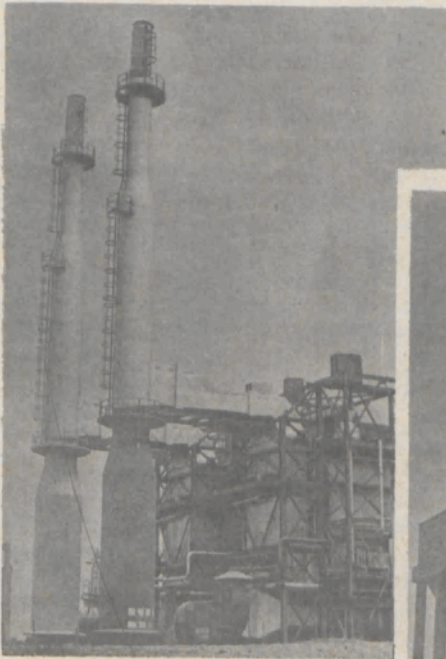
A IMPORTÂNCIA DO GÁS — Tarcísio Maia aproveitou a oportunidade, que foi surgindo de forma natural no decorrer da conversa com os jornalistas, para fechar o ciclo do seu raciocínio e das explicações sobre o que realmente vem se passando entre a Petrobrás e a Alcanorte. Ele pareceu entusiasmar-se quando encontrou o fio da meada para posicionar-se bem no centro da questão: a razão central do interesse da Petrobrás. E esse interesse surgiu, pelas suas explicações, de uma equivalência de propósitos. Os técnicos da Petrobrás descobriram que o combustível representa uma parcela grande no custo da barrilha — 35 por cento. É lá em Macau que a Petrobrás queima 35 por cento

do combustível com a barrilha. De gás, porque as caldeiras são acionadas com gás:

“Essa é a razão principal porque o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, se interessou pela barrilha. E isso porque a Petrobrás tem o gás tanto aqui, como, coincidentemente, lá em Campos, para levar para a fábrica de Cabo Frio. Quer dizer: é interesse dela também”.

Então, ele disse:

“Esta notícia da notícia da Petrobrás assumir o controle acionário da Alcanorte representa a novidade mais auspiciosa que o Rio Grande do Norte teve”.



A maquinária, no local, não está sendo afetada: é grande demais

CONFIANÇA NO PROJETO — E quem esperava encontrar um homem preocupado com sua posição pessoal na Alcanorte se decepcionou. Pelo menos, ao discorrer sobre a nova situação, Tarcísio Maia parecia muito tranqüilo, satisfeito e aliviado. Ele disse que, nos contatos mantidos com o presidente da Petrobrás para as primeiras conversas em torno do assunto, colocou bem clara a situação: sua situação, como presidente da empresa, em nenhum momento, seria empecilho, pois o importante era que ela pudesse continuar com o respaldo suficiente para que a fábrica de barrilha chegasse ao fim. E, para mostrar, mais uma vez, como considerava importante o empreendimento, exemplificou com o fato de, se ele entrasse em fase de produção agora, significaria simplesmente 20% da arrecadação de ICM do Rio Grande do Norte. Ou seja: uma grande injeção em termos de circulação de riquezas

no Estado. Isso com a barrilha nos preços atuais. Na segunda fase de produção — a primeira é de 200 mil toneladas de barrilha por ano —, que é de 400 mil toneladas/ano, já esse percentual de arrecadação de ICM pode passar para 40% do total que é arrecadado hoje. Ponderou, contudo, Tarcísio, que para a fábrica chegar a essa segunda fase, terá de receber 30% dos investimentos aplicados na primeira etapa.

Citou, além disso, o poder germinativo do empreendimento, num local onde há um dos melhores petróleos do Brasil e gás em quantidade.

Ele se entusiasma tanto, com o que chama “o tal dominó das ocorrências”, que prevê para Macau o destino de uma das áreas mais ricas do Nordeste, talvez do Brasil. É, disse, “uma coisa tão espetacular, que na



certa eu não terei o prazer de ver em vida”.

Outro dado que o ex-Governador revelou foi que o Porto de Natal está programado para o escoamento de toda a produção de barrilha e é, ao contrário do que muitos pensam, o ancoradouro mais fácil de receber melhorias em todo o Nordeste.

Geralmente comedido, Tarcísio Maia se entusiasma quando fala na fábrica de barrilha em Macau e seus desdobramentos. Por isso tornou-se quase óbvio quando ele disse que pouco importava sua posição pessoal na empresa, dentro da sua nova estrutura organizacional. Mesmo assim, deixou claro que Shigeaki Ueki o queria na Presidência. Na verdade, Ueki e o pessoal da Petrobrás são antigos conhecidos do ex-Governador e torcem com ele pelo que pode ser feito em Macau. Daí, é questão só de unir esforços e esperar que os recursos não falem para a Petrobrás. □

A pesca e a possibilidade de render ICM para o RN

(Trabalho apresentado na Comissão Técnica Permanente do ICM — COTEPE, no Ministério da Fazenda, por José Jacauna de Assunção, da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Norte).

Pesca Marítima. Poder de tributar do Estado: mar territorial. Territorialidade da lei tributária preservada. Incidência do ICM.

1 — Assevera o Estado do perante a COTEPE: “Já pela edição do art. 102 (do CTN), claro ficou que os Estados, o Distrito Federal e os Municípios legislam, em regra, para os seus respectivos territórios, e somente por exceção e em casos especiais para fora deles, nos limites em que lhes reconheçam extraterritorialidade os instrumentos legais ali anunciados. Circunscritos, pois, aos seus limites territoriais, não podem esses entes estender seus poderes para territórios outros, sobre os quais não têm jurisdição”.

2 — Vai daí, os Estados não teriam poder de tributar, quando o fato gerador ocorresse no mar territorial que os banha.

A questão prévia a resolver é fixar se o mar territorial se encontra dentro da área geográfica dos Estados, “única onde têm jurisdição e poder de tributar” (ALIO-MAR BALEEIRO, *Limitações Constitucionais ao Poder de Tributar*, 1974, págs. 244/245).

Importa, portanto, estabelecer qual a área geográfica dos Estados, o que faremos a seguir.

3 — A noção jurídico-política de TERRITÓRIO NACIONAL não se confunde com outros conceitos de território, a nível de propriedade e domínio. O TERRITÓRIO NACIONAL é a porção do planeta sobre a qual o Brasil exerce dominação exclusiva, direitos de soberania: abrange a superfície do solo (terras e águas), o subsolo e o ar sobre a superfície (cf. HILDEBRANDO ACCIOLY, *Manual de Direito Internacional Público*, 1964, pág. 219).

“A soberania do Estado em relação ao seu território compreende o imperium e o dominium: o primeiro constituído por uma espécie de soberania abstrata sobre as pessoas que nele se encontram; o segundo, constituído pelo direito exclusivo de reger o território e dele dispor segundo a sua vontade própria, para as necessidades legítimas da coletividade nacional. Esse dominium não se confunde, absolutamente, com o direito de propriedade privada, que o Estado, da mesma forma que os indivíduos ou qualquer outra pessoa jurídica, também pode possuir” (obra e local citados).

No mesmo sentido, o abalizado PEDRO CALMON: “As dimensões do território nacional compreendem a área delimitada (fronteiras), a faixa do mar ao longo da costa, que chamamos águas territoriais, o subsolo e o ar”.

O Douto PONTES DE MIRANDA, in *Comentários à Constituição de 1967*, Editora Revista dos Tribunais — São Paulo, ed. 1967, à pág. 514, ensina:

“Os artigos 4.º e 5.º falam de bens da União e dos Estados-membros. A noção aí inserta não tem qualquer caráter de essencialmente ligado à estrutura política”.

4 — Diante de tais conceitos, bem se compreende que o TERRITÓRIO NACIONAL é a área geográfica onde o Brasil exerce seu poder político, “a base física, onde ocorre a validade de sua ordem jurídica” (obra e local citados). É um dos elementos do Estado, a Nação soberana, a par da população e do Governo.

Esta base física integrante do Estado, quanto ao direito privado, pode estar sob o domínio público, ou sob o domínio particular. Os bens do TERRITÓRIO NACIONAL são públicos quando pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios; todos os outros são particulares, seja qual for a pessoa a que pertencerem (Cód. Civil, art. 65).

5 — Vista assim a questão, resta

saber se a área geográfica de um Estado-Membro lhe pertence, e a que título, ou não lhe pertence, pertencendo a quem, e a que título.

Tendo sempre presentes os conceitos e definições acima expostos, constatamos que o Poder Político do Brasil se exerce sobre o TERRITÓRIO NACIONAL através de três entes distintos, de acordo com a tradição constantes do ordenamento constitucional da República. Assim é que:

“Art. 1.º — A Nação Brasileira... constituiu-se, por união perpétua e indissolúvel das suas antigas províncias, em Estados Unidos do Brasil (CONSTITUIÇÃO DE 1891).

“Art. 2.º — A Nação Brasileira, constituída pela união perpétua e indissolúvel dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios em Estados Unidos do Brasil...” (CONSTITUIÇÃO DE 1934).

Art. 3.º — O Brasil é um Estado Federal, constituído pela união indissolúvel dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios”. (CONSTITUIÇÃO DE 1937).

“Art. 1.º —
§ 1.º — A União compreende, além dos Estados, o Distrito Federal e os Territórios” (CONSTITUIÇÃO DE 1946).

“Art. 1.º — O Brasil é uma República Federativa, constituída, sob o regime representativo, pela união indissolúvel dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios”. (CONSTITUIÇÃO VIGENTE).

Pela leitura de tais textos constitucionais, verifica-se que a organização nacional se divide por três entes únicos: os ESTADOS, o DISTRITO FEDERAL e os TERRITÓRIOS. Não há, portanto, parcelas do TERRITÓRIO NACIONAL que não sejam ESTADOS, ou DISTRITO FEDERAL, ou TERRITÓRIOS. Assim, o poder político direto da União só se exerce no TERRITÓRIO NACIONAL naquelas parcelas de sua jurisdição exclusiva, o Distrito Federal e os Territórios. Fora daí, todo o restante do TERRITÓRIO NACIONAL é ESTADO-MEMBRO, já que, não sendo Distrito Federal nem Território, não há outra porção de área geográfica prevista no vigente (e no tradicional) ordenamento constitucional.

6 — Nada disso, entretanto, se

confunde com as atividades reservadas à União em todo o TERRITÓRIO NACIONAL, por delegação histórica das unidades federadas, quando organizadas em República Federativa. Tais reservas, entretanto, se encontram taxativamente previstas no art. 8.º da Constituição Federal, e não podem ser aumentadas, sequer, pelo legislador ordinário.

Em tais reservas, contudo, não encontramos qualquer limitação ao poder político dos ESTADOS-MEMBROS sobre a área do TERRITÓRIO NACIONAL dentro de suas fronteiras.

7 — Ora, o mar territorial é parcela do TERRITÓRIO NACIONAL, um de seus aspectos físicos. (HILDEBRANDO ACCIOLY) obra citada, pág. 220).

Cumpra, contudo, voltar a insistir que o poder político exercido pelos Estados, Distrito Federal e Territórios sobre porções do TERRITÓRIO NACIONAL não importa propriedade de tais parcelas, a nível de direito privado.

8 — Pelo ordenamento do direito privado, com regras também de direito administrativo, o TERRITÓRIO NACIONAL (e todas as coisas que nele se encontram) pode ser do domínio particular, ou do domínio público. Se do domínio público, os bens do TERRITÓRIO NACIONAL podem pertencer à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Territórios. Este domínio patrimonial, entretanto, não importa em restrição do poder político que a Constituição assegurou a cada um dos entes que compõem a organização nacional (ensinamento de PONTES DE MIRANDA cf. citação).

9 — Os exemplos tornam ostensivo o raciocínio. Segundo o art. 4.º, inciso V, da Constituição Federal, são bens da União “os que atualmente lhe pertencem”, ou seja, os edifícios públicos, destinados às repartições administrativas, as instalações necessárias ao serviço público federal, represas e açudes federais, etc. Ora, ninguém vai supor que um açude do Governo Federal, embora esteja sob o domínio patrimonial da União, se se encontra no território do Rio Grande do Norte, pelo simples fato de pertencer à União, esteja excluído da área geográfica que forma o território do Estado do Rio Grande do Norte. Nem seria,

sequer hipoteticamente, admissível a tese de que uma atividade produtiva exercida em tal açude, como a pesca, por exemplo, não estaria sujeita ao poder de tributar do Rio Grande do Norte, com maior razão se explorada por particulares.

10 — De igual forma, o mar territorial tem o mesmo ordenamento jurídico (Constituição Federal, art. 8.º, inciso VI). É bem da União, como de seu domínio patrimonial, mas é parcela do TERRITÓRIO NACIONAL incluída na área geográfica dos Estados e Territórios banhados pelo oceano.

A Constituição Federal não reservou à União o poder de tributar nos bens de seu domínio patrimonial, excluindo o poder de tributar dos Estados (Constituição Federal, art. 8.º). Nem excluiu da jurisdição estadual tais bens. Quando há alguma exclusão, o texto constitucional é expresso (conforme Constituição Federal, art. 8.º, incisos VI, VIII, XV; art. 19, inciso III, alínea a).

12 — De tal forma, não resta dúvida de que, se pelas regras do Direito Tributário identifica-se fato gerador do ICM no mar territorial, não havendo “não incidência” ou “isenção”, nada afasta o poder de tributar do Estado, em cujas fronteiras está a determinada parcela do mar territorial.

13 — Vencida, segundo cremos, este aspecto preliminar, observamos os demais argumentos do Estado do

14 — O Contribuinte do ICM é, além de outros, o produtor de bens economicamente apreciáveis (art. 6.º do Dec. Lei 406). Além de outros, igualmente, gerador “é o fato de sair a mercadoria do estabelecimento... produtor” (ALIO-MAR BALEEIRO, Direito Tributário Brasileiro, 1977, pág. 201).

15 — Em primeiro lugar, não há como fugir à certeza de que o pescador é produtor de bem economicamente apreciável. Seu barco é seu estabelecimento. Na verdade, os Regulamentos do ICM são unânimes: estabelecimento é o local, CONSTITUÍDO OU NÃO, onde o contribuinte exerça atividade GERADORA DE OBRIGAÇÃO TRIBUTÁRIA.

Não impressiona o fato de não se destinar o barco a comércio ambulante. As realidades são distintas. A regra referente aos veículos

utilizados no comércio ambulante tem por fim a facilitação do lançamento e cobrança do tributo, não tendo a finalidade primária de identificar conceitualmente o veículo como estabelecimento, de onde, saindo a mercadoria, se configuraria o fato gerador: para tanto, não haveria necessidade de disciplina legal autônoma. As normas referentes ao comércio ambulante não se prestam à discussão acerca de barcos de pesca. Estes são bens de produção (decreto-lei 221/67, art. 5.º, parágrafo único), e como bem de produção, qual a propriedade rural, é local onde o contribuinte exerce atividade geradora da obrigação tributária.

Se o Regulamento considera estabelecimento o veículo destinado ao comércio ambulante, não determina que não se considere estabelecimento outros veículos, que não os utilizados no comércio ambulante. Nos textos regulamentares não se faz esta exclusão. E onde a lei não distingue, não cabe ao intérprete distinguir, segundo os princípios gerais de direito.

Até porque outros veículos podem ser sede de atividade econômica, e neles ocorrer fato gerador de ICM.

16 — Diante da letra do Decreto-Lei n.º 406/68, não há como deixar de ver na atividade de barcos de pesca, no território de um Estado, atividade econômica ensejadora de gravame do ICM. A atividade produtora se aperfeiçoa no território do Estado, e a saída para o território de outro Estado não pode ser afastada da perfeita configuração do fato gerador do tributo. Isto porque a legislação complementar federal não contempla nenhuma saída de mercadoria de um para outro Estado como no caso de “não incidência” ou “isenção”. E aqui, mais uma vez, não pode o intérprete erigir regra jurídica, onde a lei não o faz. E, finalmente, as operações de circulação de mercadorias, realizadas nessa faixa, estão sob a competência tributária do respectivo Estado, por força do artigo 23, II, da Constituição Federal. In hipótesis, do Rio Grande do Norte.

É o nosso entendimento.

José Jacaúna de Assunção
REP. COTEPE/ICM — RN



Situação dos loucos piora com más condições de tratamento (Foto Emerson Amaral)

CONJUNTURA

No Colônia, loucos são mais loucos porque são pobres

Em um mundo injustamente repartido entre dominadores e dominados, estes em numero infinitamente maior, é compreensível, mesmo que questionável, o aparecimento cada vez mais significativo de grupos oprimidos, de indivíduos marginalizados, vítimas inevitáveis do sistema dominante vigente. A luta dessas «minorias» pela igualdade e reconhecimento de seus direitos, a desesperada busca por um lugar ao sol, foi e ainda é a luta das mulheres, dos velhos, dos negros, dos índios, dos homossexuais e muitas outras categorias. Com os doentes mentais a discriminação não foi nem vem sendo menor. Desde os primórdios da civilização eles são tratados como pessoas rejeitadas pela sociedade e, ainda, o que é pior, pela própria família, causa que os levam a um estado de profunda angústia e a um agravamento constante do mal de que estão acometidos.

Nos tempos atuais, com toda facilidade de informação proporcionada pelos meios de comunicação, os conflitos dos doentes mentais com o mundo dito normal — e vice-versa —

não cessaram, apesar de se apresentarem um tanto amenizados. Na verdade eles continuam lá, ignorados pela sociedade, cercados pelas muralhas dos hospitais especializados, reunidos em enfermarias, construindo seus próprios mundos acessível somente à equipe médica que os assiste e aos familiares que, porventura, os visitem. Tentamos furar um pouco dessa fronteira que mantém o doente mental tão distante de nossa realidade, da realidade dos considerados mentalmente sadios. Com isso, mostramos um pouco do que é a verdade deles, das dificuldades que encontram em conviver, novamente, conosco, triste sina que leva a maioria, impiedosamente, de volta à loucura. Constatação esta tirada pelo elevado índice de reincidentes em internamento.

UM HOSPITAL IGUAL AOS DE-MAIS? — Hospital Colônia João Machado. Ali, estão internados, atualmente, cerca de 400 pacientes, entre homens e mulheres. Desses, aproximadamente 60 por cento vieram do

interior. A maioria de 2/3 é não contribuinte e as mulheres superam os homens em 20 por cento da quantidade total, segundo revelações do Diretor Administrativo, dr. Rubens Santos. O Colônia, que é uma unidade da Secretaria de Saúde, segue os mesmos padrões médicos das outras duas clínicas psiquiátricas da cidade, a Casa de Saúde Natal e a Santa Maria. “Todas mantêm profissionais do mesmo gabarito técnico, mesma formação, um-mesmo quadro à base de psicólogos, assistentes sociais, corpo de enfermagem de nível superior, treinado para a psiquiatria, além do médico clínico e dentista”, assegurou o dr. Santos. Apenas uma diferença básica: as outras duas acolhem clientes particulares.

Dos pacientes internados no Colônia, o maior número é de alcoólatras, seguido por psicopatas, neuróticos e outros toxicômanos. Entre eles existe um relacionamento relativamente normal, não havendo rejeição de um grupo por outro. Os alcoólatras podem se caracterizar por um comportamento mais agressivo, enquanto os psicopatas tendem a se comportar averso às normas e regras sociais, interpretando a rotina do dia muito diferente do estabelecido. Quanto aos toxicômanos, pode se dizer que a incidência de internamento não corresponde a realidade social, pois eles evitam a todo custo assumir o vício

diante da sociedade e da família. Contudo, ali internados, todos eles são pessoas consideradas doentes mentais. Para o dr. Santos, o doente mental, em um conceito popular, é aquele que age e reage diferentemente da maneira do grupo social, cultural e econômico a que pertence. Ao explicar a predominância da doença nos adultos, ele diz ser fácil imaginar que o indivíduo apenas quebre a convivência harmônica com seu grupo social na maturidade, quando alcança uma estrutura mental mais ou menos delineada. Excetua-se aí, os casos hereditários ou excepcionais — a criança atingida na infância por uma forte meningite ou sarampo, acometimento cerebral que lesa o tecido nervoso e prejudica, irreversivelmente, o desenvolvimento intelectual.

O método de tratamento aplicado no Colônia satisfaz plenamente ao dr. Santos, vistos serem os medicamentos mais modernos e a assistência psicológica adequada, as fórmulas que se mostram mais eficientes dentro do parâmetro da psiquiatria atual. No tocante a assistência psicológica, inclui-se terapia de grupo ou individual, tratamento medicamentoso



Um mundo à parte, do mais completo abandono

aliada as atividades de grupos, jogos e trabalho. Apesar disso, a recuperação do paciente, segundo ele, depende muito do tipo de doença e do controle feito fora do hospital. Quer dizer: do acompanhamento médico lá fora, nos ambulatórios do Inamps ou da Secretaria de Saúde, que possa avaliar a necessidade de medicação para o paciente. Por isso, fica difícil

deduzir o índice real de recuperados. “Não há precisão”, confessa dr. Santos. “Muitos deles vêm fazer essa avaliação aqui, no Colônia. Outros não, e ficamos sem saber se morreram, se estão recuperados ou se foram internados em outro hospital”.

O tratamento do Colônia visa, acima de tudo, reintegrar o paciente à sociedade, e para tanto há preocupa-



Os muros: limites do mundo normal

ção de não deixá-lo morando no hospital, quando se vislumbra uma recuperação do mesmo. Isto, segundo dr. Santos, aumentaria os riscos de dificultar sua readaptação até mesmo no seio familiar. Se o paciente tem família, as normas são de que, uma vez melhorado, ele passe a se medicar em casa, devidamente acompanhado pelos clínicos dos ambulatórios. Contudo, enfatiza o dr. Santos, a ausência de preocupação para com essa iniciativa, eleva, indiscutivelmente, o número de reincidentes no hospital.

OS DADOS — Para efeito de avaliação, registramos alguns dados básicos da movimentação do Colônia, nos últimos meses. Em setembro, 172 pacientes receberam alta e 168 foram internados. Média de permanentes, 78,42 por cento. Dos que saí-



Mundo perdido, sem horizontes

ram, 17 foram por evasão (fuga), 15 tiveram alta a pedido inalterado (a família exige a alta do paciente irrecuperado), um recebeu alta por estar curado e 139 saíram melhorados. Em agosto, 139 receberam alta, enquanto 158 se internavam. A média de permanentes ficou em 90,23. Pacientes, em número de 25 se evadiram, 8 foram levados pela família, nenhum saiu curado e 105 melhorados receberam alta. A média geral da idade ficou acima de 30 anos.

Fugir do Hospital Colônia não é nenhuma proeza, visto a desproteção do seu pátio externo. O doente que, comumente, chega para ser internado por familiares, pelos responsáveis ou pela própria Polícia, já alimenta uma insatisfação de se recolher para tratamento, até mesmo porque ele tem dificuldades de reconhecer sua doença. Os fugitivos, que não são logo recapturados, despertam maior atenção do setor de Assistência

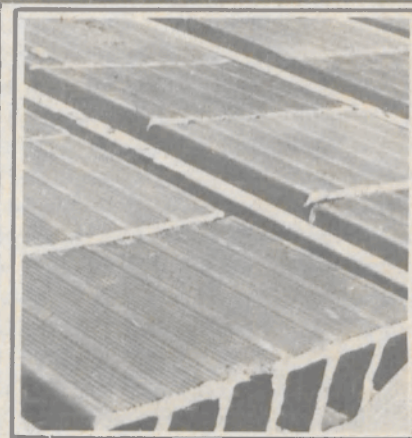
Social, que entra em contato com a Polícia e com os familiares do paciente. Se, por acaso, a família é do interior do Estado, a comunicação pode ser feita pelo rádio, em programas como «Patrulha da Cidade» e «Bulachinha», da Cabugi, ou num contato direto com o delegado do município, através do sistema de rádio do Palácio Potengi.

DIA ESPECIAL — Quinta-feira e domingo, dias especiais no Colônia. É dia de visitas, de tardes movimentadas, de reencontros. As famílias vão saber dos seus entes, levam coisas que eles precisam, além do carinho e da emoção. Porém, registre-se o seguinte: por falta de interesse ou condições da família (o mais comum), centenas de internos não compartilham dessa alegria. Os doentes que são do interior, de origem humilde, não costumam receber visitas. Geralmente porque os familiares não têm como se deslocar até aqui, faltam-lhes o dinheiro do ônibus. Mas, acontece também dos pacientes serem rejeitados pelo que são, pelo que representam. A família os colocam no hospital e até imploram para que não recebam alta, isto quando não desaparecem sem mais notícias.

TRABALHO DE REASOCIABILIZAÇÃO — Integram a equipe de Miriam Teixeira, Chefe da Equipe de Assistência Social, uma assistente social e uma educadora de Saúde. O trabalho é de reassociabilizar o paciente, através de uma psicoterapia sugestiva, estímulo à parte sadia do doente para que as células normais se multipliquem, ajudadas, principalmente, pela medicação. As assistentes mantêm reuniões constantes com os pacientes, oportunidades em que eles falam de seus problemas pessoais, problemas nas enfermarias, coisas assim. Reuniões também são feitas entre os corpos médico, assistencial, de psicólogos e de enfermagem, quando se discutem a evolução de um paciente isolado ou de um grupo.

Uma vez mantido um conhecimento profundo com o paciente, colhidas todas as informações possíveis a respeito dele, como pessoa e como doente, é que as assistentes sociais procuram fazer um trabalho de orientação junto a família. Os resultados, porém, nem sempre são satisfatórios como no exemplo já relatado. Quando na ficha não há responsável pelo interno, a providência é procurar al-

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

guém que por ele se responsabilize. Esse trabalho, ressalva Miriam, é o mais penoso e as vezes leva anos. Isto porque é comum aparecer no Colônia, gente da Paraíba, Ceará, de São Paulo, Rio Grande do Sul e até do Paraguai. Eles conseguem caronas com camioneiros e quando se notam não sabem aonde estão e a quem procurar. Ficam perambulando pelas ruas e na maioria das vezes são recolhidos pela Polícia.

PROBLEMAS SITUACIONAIS —

É importante fazer com que o interno gaste bem o seu tempo no hospital, considerando o quanto a ociosidade é prejudicial à recuperação do doente. No Colônia, os homens, além de um tradicional joguinho de futebol, dispõem de tempo para um minicultivo de uma área interna do hospital, e para a praxiterapia, uso de uma sala com televisão, rádio, radiola, sinuca, dominó e outros jogos relaxantes. Já as mulheres dedicam seu lazer exclusivamente ao artesanato. "Enquanto eles trabalham o corpo e/ou a mente, se esquecem dos problemas", afirma Miriam Teixeira. Isso convém, principalmente, para aqueles doentes que atravessam,



O desprezo, a procura de amparo

apenas, problemas situacionais (psíquicos reativos). A seca e a crise econômica que assolam o País, por exemplo, têm aumentado, sensivelmente, o número de internos com distúrbios mentais e crises nervosas, provocadas pelo desespero da situação. Miriam relata um exemplo: um operário de uma indústria de Natal foi responsabilizado por danos causa-

dos em uma máquina. Pressionado pelo patrão que ameaçava descontar, de seu minguado salário, os prejuízos, ele entrou numa profunda depressão nervosa. Internou-se. Só depois de medicado e de assumir o problema que o afetara, foi possível fazer algo prático para ajudá-lo. Um entendimento com o patrão permitiu que a solução viesse por meios ami-

**QUAL A FÓRMULA
DA HERBUS PARA
CRESCER NA CRISE?**



ESTA →

Um produto de qualidade, de bom gosto e a preços acessíveis. Com esta fórmula, a Herbus passou de uma oficina com 12 máquinas e 16 funcionários em 1978 para uma organização com 660 funcionários distribuídos em quatro empresas básicas — Herbus Confeções Ltda. (fábrica de confeções masculinas), Hela Modas Feminina Ltda. (fábrica de confeções femininas), Unilojas Confeções Ltda. (15 lojas em Natal, Fortaleza, João Pessoa, Recife e São Paulo) e Reembolso Heru's Ltda., vendendo para todo o Brasil. Assim a Herbus cresceu na crise e vai continuar crescendo.



**HERBUS
Confeções Ltda.**

Escritório Central: Av. Bernardo Vieira, 986
Fones: 223-4439 e 223-3108 — Natal-RN

gáveis, o que o levou a se recuperar quase que imediatamente.

UMA VOLTINHA PELAS ENFERMARIAS — Wilma Oliveira é uma das 4 enfermeiras-chefe do Colônia. Ela resume suas atividades como sendo uma assistência direta aos internos e uma orientação permanente aos atendentes, número de auxiliares que se aproxima de 100 pessoas. Com ela, uma enfermeira jovem, morena e bonita, percorremos as dependências do setor masculino, que está sob sua responsabilidade. São 5 enfermarias de pensionistas do Inamps, cada uma comportando de 15 a 20 pacientes; uma enfermaria da Universidade; duas salinhas de atendimento geral (para o paciente que se machuca, que se corta, etc...); uma sala de praxiterapia, um refeitório e



Separação: maior problema

um pavilhão separado, para uso exclusivo dos não contribuintes.

Tecer nossas considerações sobre essas dependências seria, antes de tudo, afirmarmos que, naqueles corredores largos, em forma de L, aparentemente intransponível para os transeuntes que chegam à recepção, é que sentimos a sensação completa de estarmos em um hospício. O aspecto físico do local não é totalmente desprezível, mas está, indubitavelmente, longe de ser agradável. O mais impressionante, porém, é a aparência dos seus habitantes: uma legião de corpos «lunáticos», que pela simples maneira de se locomoverem e se apresentarem, se diferenciam daquilo que conhecemos por seres humanos. Passado o impacto inicial, notamos o quanto são amáveis, alguns até demais. Apertam nossas mãos, elogiam nossas pessoas e não deixam de pedir alguns favores, quase impossíveis de serem atendidos:

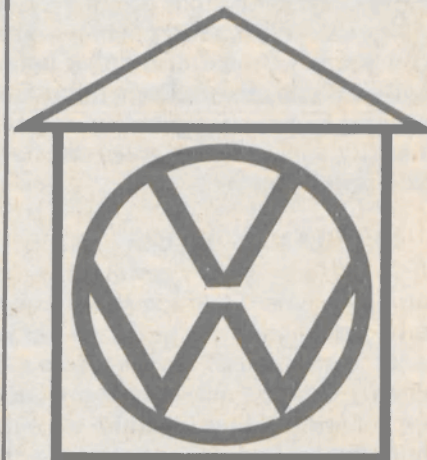
“Meu amigo me arranje um emprego”! A enfermeira afirma que nunca teve problemas quaisquer com eles, que transita livremente, sozinha, pelas dependências dos segurados e dos indigentes. Vez e outra, acrescenta, não consegue evitar a paixão súbita de alguns. Esse amor, entretanto, fica restrito a um discreto acompanhamento nas visitas de rotina ou a uma vigilância que impede a aproximação de outros concorrentes.

Nosso ligeiro convívio com eles se deu quase na hora do almoço. O refeitório já recebia alguns pensionistas, privilegiados pela sorte diante de tão poucos privilégios. Minutos depois, os pratos de plásticos eram servidos com arroz, feijão, carne moída, uma porção de verdura e uma fatia de laranja. Alguns dispensavam as colheres e mergulhavam na comida com as mãos. A refeição não parecia ruim, mas estava longe de ser apetitosa. Enquanto isso, outros pacientes ainda se divertiam na sala de praxiterapia. Manoel, aquele da psicologia, jogando uma sinuquinha nos desafia para uma partida: “Fica para outra vez”, nos desculpamos.

O pavilhão dos indigentes abriga, atualmente, uns 120 internos, quase todos do interior do Estado. Eles estavam inquietos, tomavam remédio enquanto esperavam que o refeitório fosse desocupado. O corredor, também em forma de L, é preenchido por 4 aposentos, um banheiro, e completa-se o quadrado com um pátio descoberto, onde eles tomam banho de sol. Nos aposentados, apenas dezenas de camas de alvenaria, postas paralelamente em duas divisões. À noite eles recebem colchões e lençóis, retirados durante o dia por precaução. Muitos estão ali apenas com a roupa do corpo, um uniforme de bata azul e calção comum. A impressão que nos causa é que eles nem estão satisfeitos, nem descontentes, apenas estão lá, jogados, guardados, escondidos do resto do mundo.

Conversar com eles, inicialmente, parece ser algo inteiramente possível. Mas, quando menos esperamos, o diálogo desanda para o absurdo ou para uma simples incoerência. Jorge F. Leite tem 26 anos, está internado há 6 meses. Diz ser de Severiano Melo, onde trabalhava no roçado. Nos seguia o tempo todo, com uma expressão de quem queria participar do que estivesse acontecendo, fosse o que fosse. E parecia acontecer, ali, naquele pavilhão, uma quebra de rotina pela presença inesperada de «um

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT



CASA DO VOLKS



É necessário manter seu patrimônio em dia. A época é de crise. E se você possui Volkswagen ou Fiat, não se esqueça que a Casa do Volks tem todo tipo de peça e acessórios para esses carros, inclusive tintas automotivas. A Casa do Volks vende a preços, realmente, sem competidor. Um amplo estacionamento coberto e um dos melhores atendimentos da cidade são bons motivos para você comprar na Casa do Volks. Seu carro estará mais protegido e você, naturalmente, mais satisfeito. Afinal, manter um patrimônio não é fácil.

GURGEL & OLIVEIRA
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

estranho no ninho». A esse estranho, porém, Jorge fez questão de revelar algo surpreendente: “Gosto mais daqui do que de casa”. E justificou isso com um apenas “porque gosto mais dasqui”! Ao seu lado, um paciente que diz se chamar Jesuíno Brilhante, também falou um pouco de si. É de Alexandria, tem 41 anos, 8 filhos, trabalhava como pedreiro e já tem 5 entradas no Colônia. Indagado sobre qual era o motivo de sua doença, respondeu: “Sou candidato a vereador pelo PDS, sou também advogado e «faixa preta» (em que, não se lembrou).

Segundo Wilma, a enfermeira, os pacientes devem ser tratados naturalmente, vistos e entendidos como são, sem maiores receios. Talvez, por esse motivo, ao nos habituarmos, um pouco, com o ambiente, com os comportamentos e abordagens estranhas que, no início, amedronta, começamos a notar o lado engraçado de tudo aquilo. Humor do mais puro e ingênuo. Uma coisa que deve ser lembrada em nosso espírito é que naquele cenário de maluquices bem comportaria a presença de alguns amigos nossos e de muitos conhecidos daqui, do outro lado do muro.

VISÃO CRÍTICA — Entendemos, porém, que para termos uma visão mais crítica da verdadeira situação do Colônia, precisaríamos ouvir outras opiniões, além das dos profissionais que trabalham atualmente lá. Mesmo porque é bem provável que suas considerações se limitem a uma série de normas, éticas, talvez, prejudicando uma visão ampla do real funcionamento do hospital. Através de alguns estudantes que lá estagiaram, procuramos acrescentar uma abordagem mais rica em críticas. Rosalba Miranda, quartoanista de psicologia, estagiou três meses no Colônia, no final de 81. Classificou a sua experiência como «riquíssima e frustrante». Disse ter encontrado um quadro que bem retrata a nossa situação socioeconômico atual, e que embora não tenha sido pegada de surpresa, reconhece que “muitos psicólogos não têm a mínima condição de suportar uma estrutura como aquela. Faltava remédio, material básico, pouquíssimos enfermeiros, faltava higiene, maior controle sobre os pacientes, etc.”. Salientou o tratamento anti-humano aplicado em alguns doentes mais agitados, quando eram trancados em celas, e duvidou da capacidade de recuperar um interno, apenas,



A ternura, apesar de tudo

com drogas e medicação controlada. A eficiência do tratamento, segundo ela, é totalmente negativa, por não ter fundamento terapêutico algum. “O doente chega, passa um ou dois dias tomando remédio e vai para casa”, afirmou. E acrescenta: “O trabalho de psicoterapia sugestiva praticamente fica resumido à teoria”. Criticou, ainda, as péssimas condições físicas do hospital, a superpopulação que prejudica o acompanhamento médico necessário e, o mais surpreendente, a deteriorização do ambiente, pela atitude homossexual de alguns enfermeiros quando ficam de plantão durante a noite.

Herculano Ricardo, concluinte do curso de Psicologia, também estagiou no Colônia, durante 6 meses, na ala masculina, na enfermaria A dauto Botelho, sob a orientação do dr. Eduardo Afonso. Apesar de reconhecer que a proposta de um trabalho de comunidade terapêutica desenvolvido naquela enfermaria era praticamente revolucionária, comparado à apatia do resto do hospital, teve críticas às práticas tradicionais da psiquiatria ainda utilizadas. Segundo disse, o uso de drogas só elimina os sintomas iniciais da doença, nunca as causas reais do problema, que só poderão ser debeladas, completamente, através de um trabalho psicoterapêutico. Salientou a importância de conscientizar os internos das razões que os levaram àquele estágio, coisa não considerada pelos médicos, que se limitam a anular as reações do paciente com medicação. Corroborou o que disse, mostrando todas as dificuldades colocadas pelo «esquema» do hospital, para a realização de um trabalho novo, como o que se tenta realizar na enfermaria A. B.

Entre as dezenas de fatos que lhe marcaram a experiência, Herculano ressalta bem um deles: tratava-se de um pique-nique à Ponta Negra, que

mesmo sendo no meio da semana, houve ainda estúpida reação dos banhistas pela percebida presença dos «doidos». O choque foi demonstrado por um visível medo e reação de insegurança por parte dos presentes, num evidente ato de discriminação para com os doentes mentais.

Margareth Felipe, outra estudante de Psicologia, depois de estagiar um ano e seis meses no Colônia, não difere muito das colocações dos outros dois companheiros. Sua visão é mais ou menos a mesma: ressalta a instituição conservadora que é o hospital e a discriminação que sofre o doente mental, entre outras coisas. Acha necessário que haja uma campanha de esclarecimento sobre o assunto à população, para que o doente encontre mais facilidade de se reintegrar à sociedade. Contudo, sua revelação mais chocante foi quando afirmou a existência não só do homossexualismo, mas também de estupros. Os pacientes jovens, de 12, 13, 14 anos, geralmente são vítimas de abusos sexuais nas dependências íntimas do hospital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS — Que seja de dedução lógica: as deficiências do Hospital Colônia não se restringem, apenas, ao quadro pintado pelos ex-estagiários. Evidentemente, por ser uma clínica pública, o Colônia sofre privações de ordens econômicas e de material humano, além de ser olhado com «reservas» pela sociedade, como mesmo disse o dr. Santos. Contudo, a realidade mais triste transpõe a estas conclusões, por atingir, com firmeza, a vítima maior da perturbação (caos?) social: “O Louco”.

Para Margareth, o louco não representa o que todo mundo pinta, mesmo num comportamento não verbal: medo e nojo. Já Herculano, encontra nas relações de produção os motivos da loucura. Na sua opinião, o mau do louco é o mesmo do ladrão, da prostituta, do homossexual, ou seja: o da marginalidade, imposta pelo «sistema» que tende a afastar alguns segmentos dos meios de produção. Dr. Santos é mais conciso no seu conceito, e vê o louco como “produto da sociedade”. Entretanto, para a maioria quase absoluta das pessoas, por ignorância ou tendência, o deficiente mental continuará sendo o ser rejeitado, discriminado, afastado, subestimado, diminuído. Eis aí, o que poderíamos visualizar como grave equívoco. Diríamos, ledô engano. □



As praias, a descontração, o ponto forte do turismo em Natal

TURISMO

Uma indústria ainda modesta que está preparando seu salto

A modesta indústria do turismo do Rio Grande do Norte, em especial a natalense, está se preparando para dar o seu ambicioso salto qualitativo, a partir da dinamização da Via Costeira, onde está sendo implantado o Distrito Industrial Turístico. A construção dos prédios do Centro de Convenções, próximo à Praia de Ponta Negra, e da Escola de Hotelaria, na Praia de Mãe Luíza, já estão em ritmo final de conclusão. Entre as duas obras, distantes uma da outra cerca de nove quilômetros, trabalhadores começam a levantar as paredes de dois hotéis. Prontos, e atualmente sendo analisados pela Emprotur, os projetos de Oceanarium, restaurantes, áreas de lazer e mais hotéis para implantação ao longo da Via Costeira. Além da dinamização da Costeira, a Emprotur passou 1983 promovendo e divulgando Natal nos grandes centros emissores; e lutando desde já pelo patrocínio dos principais eventos que constam do Calendário Turístico

da Embratur, no Centro de Convenções, que estará apto a funcionar a partir de março de 1984.

Essas iniciativas têm em vista expandir uma indústria, a do turismo, com largas possibilidades de sucesso durante o ano inteiro e não apenas nos meses de férias, janeiro e julho, como atualmente acontece. Para isso, contribuirão não apenas o sol e as belas praias, mas principalmente o Centro de Convenções que promoverá eventos e lotará os hotéis da cidade com centenas de convencionais, somados aos executivos e demais turistas. O que viria a atender substancialmente os objetivos da atual rede hoteleira, que se ressentia de um maior número de clientes nos 10 restantes meses do ano.

TURISMO — O fluxo de turistas, em Natal, atinge seu ponto alto em janeiro e julho, meses de férias. É quando lota os melhores hotéis de Natal. Os três primeiros são o Ducal

Palace, o Center Othon — ambos no Centro da Cidade — e o Internacional dos Reis Magos, o único de categoria à beira-mar, na Praia do Meio. O Ducal tem quatro estrelas, 169 apartamentos e 14 suítes, restaurante, bar, boite, ar condicionado, geladeira, televisão, banheiro, música ambiente, café da manhã incluído, telefone, piscina, garagem e estacionamento. Não tem apartamento individual. Neste mês de férias, está com 100 por cento de seus apartamentos ocupados, com reservas feitas desde dezembro. Nos outros meses, o índice de apartamentos alugados no Ducal cai em média 40 por cento. A sua maior clientela parece ser formada por executivos que, ao contrário dos turistas, preferem os hotéis do Centro da Cidade. Já nos Reis Magos o número de turistas é maior do que o de executivos. O Ducal ainda é o melhor da Cidade. "O Hotel está bem preparado para receber tanto os executivos, quanto os turistas", diz, con-

fiante, o sub-gerente José Alves Martins.

O segundo melhor hotel da Cidade Alta, o Center Othon, é classificado como de três estrelas. Para o gerente, José Guerreiro, a presente rede hoteleira é suficiente para o atual fluxo de turista. Nos dois meses da alta temporada, início e meio do ano, ocorre 90 por cento de ocupação de seus 78 apartamentos, num prédio de sete andares. Nos outros meses do ano o número de apartamentos alugados cai para 40 ou 45 por cento: "Nenhum hotel, e por conseguinte o turismo, pode viver apenas de dois meses", critica José Guerreiro.

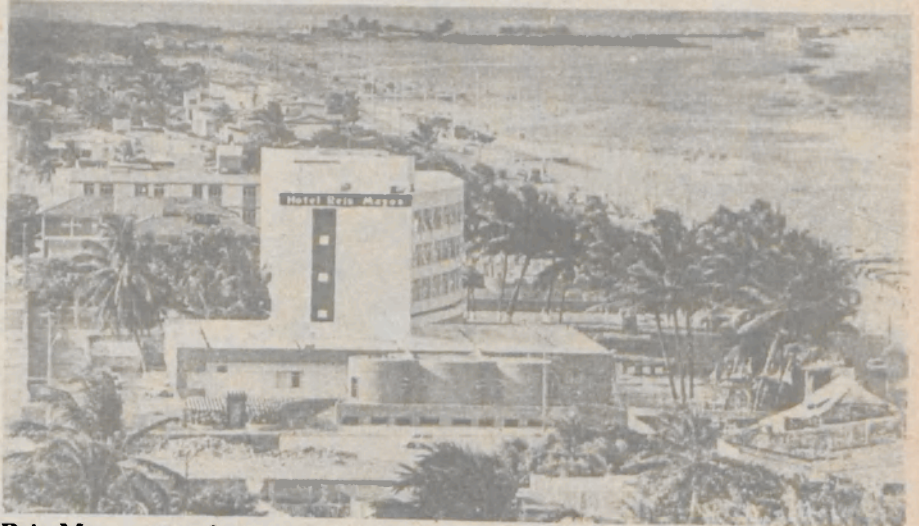
O Hotel Internacional dos Reis Magos, atualmente de propriedade da Companhia de «Hotéis Pernambuco», é o mais conhecido de Natal. Os atuais proprietários fizeram uma recente reforma no prédio dos Reis Magos, dotando-o de novos móveis e ar condicionado, salão de convenções com lotação para 200 pessoas e outros benefícios. A sua piscina, de dimensão olímpica, e a sua boite, Royal Salute, são consideradas de excelente qualidade. Ao contrário dos outros dois hotéis da Cidade Alta, o Reis Magos, classificado como de três estrelas, trabalha mais com turistas do que com executivos. A preferência, sem dúvidas, é dada porque ele fica à beira-mar, descortinando uma paisagem que alcança desde as dunas da Praia de Genipabu até o farol no alto do Morro de Mãe Luíza, o que equivale a uns 20 quilômetros de paisagem marítima. É o hotel que fica mais perto do mais importante monumento histórico e cultural do Estado, o Forte dos Reis Magos.

"A nova iluminação da orla marítima deu uma nova vida ao Hotel", diz entusiasmado o gerente Cícero José da Silva, "além de maior segurança aos turistas que passeiam em pequenos grupos". Aliás, a questão de segurança nas praias é uma das principais queixas dos que visitam a cidade. O policiamento melhorou mas não ao ponto de garantir aquela antiga «tranquilidade» que, há até bem pouco tempo, dava um ar de província à cidade.

Passada a época de alta estação, o Reis Magos é um dos hotéis que mais sofrem com a queda de ocupação dos apartamentos. Se, nas férias, chega a ocupar cerca de 90 por cento dos seus 91 apartamentos — uma suíte presidencial, quatro suítes especiais, duas suítes júnior — nos outros meses registra apenas 35 por cento. O que ge-



Na praia do Forte, o deserto por causa da insegurança



Reis Magos: trunfo em hotel



No centro: falta melhor trato

ra uma série de dificuldades, solucionadas com contenção de despesas. Por exemplo, trabalha atualmente com 65 funcionários, mas não se pensa em contratar novos funcionários porque, segundo Cícero, estes já atendem "a contento tanto na alta, quanto na baixa estação".

EMPREGOS — Se, por um lado, os gerentes afirmam que a atual infraestrutura hoteleira atende ao fluxo turístico, a Emproturn, muito mais ambiciosa, já se prepara com vistas ao futuro a curto prazo. Um futuro de novos hotéis e toda uma infraestrutura turística na Via Costeira. Um presente que se inicia com o majestoso Centro de Convenções, devidamente recuperado do susto dado com a queda de parte do teto do prédio. O

do Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, com recursos do Fungetur — Fundo Geral de Turismo. As obras serão iniciadas em janeiro, após lançamento de edital, e a conclusão está prevista para 180 dias, isto é, em março. Após isso, será feito repasse de recursos — de 300 milhões — para implantação do hotel-escola. Serão feitos cursos práticos de garçons, camareiras, recepcionistas e cozinheiros.

Segundo o Presidente da Emproturn, Augusto Carlos de Viveiros, o principal objetivo da Empresa, hoje, é a dinamização da Via Costeira. Dado o sinal verde, as obras de dois hotéis já foram iniciadas. O primeiro é o «Marina Lundgren» — mesmo grupo empresarial proprietário das Casas Pernambucanas. O hotel, duas estre-

tações, para conclusão das obras, a partir do início de janeiro.

É verdade que, em meio aos novos hotéis que surgem, há um projeto pronto para construção do primeiro cinco estrelas da cidade. Como não poderia deixar de ser, funcionará na Via Costeira. Terá 200 apartamentos, piscina, sauna, quadras de tênis e basquete. É plano do grupo Alberto Benahyon, proprietário dessa nova unidade hoteleira, que ela esteja funcionando daqui, no máximo, a três anos.

O orçamento, a preços atuais, gira em torno de Cr\$ 4 bilhões. Financiado com recursos do Finor/Funset (Fundo de Investimento Setorial). Existem ainda mais três projetos de hotéis em estudo. O primeiro, o Caiçara Praia Hotel, do grupo Aracoara,



A Via Costeira ainda continua lutando contra as dunas. Logo vencerá

novo prédio, que será inaugurado em março próximo, terá um auditório com capacidade para 800 pessoas e outro, menor, com 120 lugares. São 3 mil e 700 metros quadrados de área coberta, dos quais 1 mil e 400 metros são destinados ao local de exposições. A área se completa com um restaurante, bar, posto de serviço bancário, central telefônica, moderno sistema de iluminação, som e equipamentos para projeção de cinema e audiovisuais.

Outro fato importante foram os passos dados para implantação do hotel-escola no lugar que seria a residência oficial do governador, na Via Costeira. O financiamento, com assinatura do Governador José Agripino, tem valor aproximado de 200 milhões de cruzeiros e será feito através

elas, terá 60 apartamentos e dois pavimentos. O projeto está orçado em 300 milhões. O prédio ficará próximo à Escola de Hotelaria. O segundo hotel, o Natal-Mar, também já começa a ser construído e pertence ao grupo Sami-Elali, de Natal. O prédio, três estrelas, terá 54 apartamentos divididos em três pavimentos. Terá um custo de Cr\$ 350 milhões, com financiamento BDRN-Fungetur (Fundo Geral de Turismo).

A previsão é de que os dois estejam concluídos até julho próximo, época de alta estação. Antes, em março próximo, estão previstos para serem inaugurados os prédios do Centro de Convenções e a Escola de Hotelaria. Quanto a este último, o Presidente da Emproturn adiantou que estariam sendo abertas as lici-

de Brasília. Será três estrelas, com 60 apartamentos. Também o Ponta Negra Praia Hotel, perto do Centro de Convenções, com 60 apartamentos e três estrelas. Esse é do grupo A. Gaspar, de Natal. Por último, o Hotel Sol, com 45 apartamentos. É do grupo Fernando Paiva, proprietário do Hotel Sol, da Cidade Alta. São planos para o início das obras desses hotéis antes do final de 1984.

A toda essa infraestrutura hoteleira, em seus primeiros passos para dar suporte a uma verdadeira indústria do turismo, serão acrescentados outros equipamentos turísticos como bares, restaurantes, boates. "Não apenas uma cidade de sol, mas uma Natal de belas praias enluaradas", disse Viveiros, com relação à vida noturna que será criada com as instala-

ções desses novos aparelhos turísticos na Via Costeira.

NORDESTE — Todo esse cassino de alegria e entusiasmo parece coincidir com os planos de empresas privadas e de turismo dos Estados nordestinos de promover a Região junto a turistas europeus e americanos. Tornar o Nordeste um segundo Hawái, onde existe uma poderosa e rica indústria do turismo. Mas, enquanto não se parte para conquistar o turismo estrangeiro, a Emprotur vai em busca dos paulistas. Procurando agradar os nossos ricos compatriotas, os maiores admiradores dos nossos artesanatos, praias e comidas regionais, a Empresa pretende inaugurar também em 1984 a «Casa do Rio Grande do Norte» em São Paulo. Lá, serão vendida a saborosa carne seca do Lira e artesanato, além de exposições de pintura, cerâmica e outras manifestações artísticas natalenses. Concomitantemente, será inaugurada uma Central para Reservas de Hotéis. Funcionarão, juntas, no Jardim Paulista ou Jardim Europa, na zona sul paulista.

Também para o Presidente da Emprotur, Augusto Carlos, “a atual infra-estrutura hoteleira ainda não é boa, mas de qualquer forma atende as exigências do presente”. Para aperfeiçoá-la, cita por exemplo que recentemente a Emprotur administrou um Curso de Relações Humanas e História do Rio Grande do Norte a 60 motoristas de táxi. Foi realizado no Centro de Turismo, em junho de 1983, junto com a Cooperativa de Motoristas de Táxis de Natal.

NATAL — Enquanto Natal se prepara para, já nas próximas férias de julho, começar a trazer seus primeiros turistas para a Via Costeira, a reportagem de **RN/ECONÔMICO** ouviu importantes profissionais do turismo sobre a infra-estrutura turística de Natal, aqui e agora. Colheu queixas e elogios. Para o proprietário da Agência de Turismo Aerotur, Pery Lamartine, não há dúvidas de que, hoje, o número de bons hotéis em Natal é insuficiente. “O índice do fluxo turístico tem crescido e, às vezes acontece, de na alta estação os melhores hotéis da cidade, como o Ducal, o Othon e os Reis Magos ficarem completamente lotados”. Para completar, continua ele, “há muitos guias turísticos despreparados”. As recepções de alguns hotéis é outro problema apontado. “Os recepcionis-



Festa de Santos Reis: podia ser atração

tas, que deveriam saber um mínimo de línguas estrangeiras, não sabem. Muitas vezes, mal sabem o português”. Indagado se a seca não atrapalharia o turismo, Pery fez blague e disse que “a seca pode ser até atração turística”. Ainda segundo o experiente Pery, o melhor da infra-estrutura turística de Natal são os seus restaurantes, tanto aqueles sofisticados como Xique-Xique e Nemésios, como também as casas de comida típica, como a Carne Assada do Lira e o Restaurante Raízes. Para ele, outra

boa atração, especialmente para os turistas mais jovens, é a vida noturna dos bares do chamado Baixo-Petropolis, na Praia dos Artistas. Para os mais velhos, a Barreira do Inferno, Ponta Negra e o artesanato são as melhores atrações.

O colunista social Adalberto Rodrigues, jornalista especializado em turismo, vê um despertar da Emprotur para as potencialidades do Estado. Antes de tudo, considerando a crise econômica, sugeriu que deveriam ser construídas “pousadas para os turistas de menor poder aquisitivo, a exemplo do que existe nas grandes cidades”. Para, não apenas o turista rico, mas esse público classe média deve ser conquistado. Frisou também que deve ser incrementado o turismo no interior, pois há boas atrações em cidades como Carnaúba dos Dantas, Martins e Mossoró.

Ainda segundo Adalberto, as atuais “promoções são mal estruturadas”. Diz que é preciso maior criatividade e cita, por exemplo, que deveria ser feita campanha em torno do Rio Potengi, promovendo-se festas e autênticas manifestações folclóricas. Elogiou, por sua vez, os bares da cidade com música ao vivo. Citou o tradicional Café Nice, Violão de Ouro e Xangai, onde se pode tomar uma cachacinha enquanto se come uma suculenta galinha à cabidela. “É disso que o visitante gosta em nossa cozinha: peixada, cozido, peixe frito na tapioca, baião de dois, carne de sol, feijão verde, manteija do sertão”. □



Praça Padre João Maria: devoção

AS MELHORES DE 1983 — Após um ano de pesquisa e observações, a Revista RN/Econômico, através desta coluna, selecionou aquelas empresas que mais se destacaram nos diversos segmentos ligados ao automobilismo.

VENDAS DE VEÍCULOS — Destacamos a GRANORTE, campeã de vendas do Distrito VII e de Natal, com mais de 1.100 unidades comercializadas em 83.

VENDAS DE PEÇAS — Destacamos a SA-VEL, que obteve os maiores índices de comercialização de peças, inclusive com expansão desse Departamento, com a abertura de Filial no Alecrim.

VENDAS DE SERVIÇOS — Destacamos a NATAL VEÍCULOS, empresa selecionada pela GMB para implantação do SDS (SISTEMA DE DESENVOLVIMENTO DE SERVIÇOS). Dotada de uma oficina altamente organizada e produtiva, aquela empresa aumentou em 70% o número de atendimentos de sua oficina em 83 (em cotejo com 82), inclusive com a montagem de uma moderna estufa, visando melhorar o nível de qualidade das pinturas ali realizadas.

VENDAS DE PNEUS — Destacamos a PNEUS CENTER, dotada de modernas instalações na Av. Prudente de Moraes, essa empresa vem se destacando pela presteza no atendimento e alta qualidade dos seus produtos.

VENDAS DE COMBUSTÍVEIS — Destacamos o POSTO SÃO

LUIZ, de propriedade do empresário Luiz Flôr. Atendimento esmerado, estoque de produtos atualizado, e em franca expansão. No final deste mês, estará inaugurando o mais moderno e bonito «POSTO» do Norte e Nordeste do País, na Av. Prudente de Moraes, com lojas de artesanato, acessórios para autos, etc.

ACESSÓRIOS — Destacamos CARLOS AUTOPEÇAS. O seu slogan se identifica com a reali-



Escort «GHIA»: ele é o carro mais luxuoso da linha

dade: "A casa que tem tudo". Realmente, Carlos Autopeças prima pelo elevado número de itens, em estoque, quer de peças, quer de acessórios, sendo, a bem da verdade, a única casa no gênero que abre aos domingos (loja do Alecrim), visando atender melhor a sua clientela.

FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS — Destacamos a FINASA, pelo pronto atendimento e flexibilidade dos prazos, notadamente nos «FEI-

RÕES DO CARRO».

MOTOCICLISMO — Destacamos a POTIGUAR VEÍCULOS, pelo arrojo de suas promoções, pelo ótimo atendimento à sua clientela e senso organizacional.

DESTAQUE — Finalmente, destacamos os lojistas DUAL VEÍCULOS, MONZA VEÍCULOS, BRITO VEÍCULOS, SOVEPE, FONAUTO, JATUS, GERALDO FRANÇA AUTOMÓVEIS e LEMOS VEÍCULOS que, conosco, parti-

rancada e responde muito bem nas retomadas de velocidade. Vejamos o teste de desempenho: partindo da imobilidade, o Ghia chegou a 60 Km/h em 6,5 segundos, a 80 Km/h em 10,4 segundos e os 100 Km/h em 14,3 segundos. Mesmo andando rápido o Escort Ghia é um carro muito seguro. A 100 Km/h, apertamos o pedal de freio e o carro parou dentro de uma faixa de 40 metros, sem sair de sua trajetória normal.

CONSUMO — É um dos mais econômicos do nosso mercado. Percorreu 12,28 Km/litro de álcool, na estrada e 9,01 Km/l na cidade. Tanque para 48 litros.

SUSPENSÃO — É macia sem ser mole demais, e muito segura, dando muita agilidade ao automóvel. Dependendo do terreno, ela transmite alguns ruídos a cabine, sem contudo acarretar prejuízo.

ACABAMENTO — É um dos mais requintados da nossa indústria automobilística.

ESTABILIDADE — Uma das melhores coisas do carro. Ele tem um comportamento neutro; não sai de frente e nem de traseira nas curvas, o que dá muita segurança.

OBSERVAÇÕES GERAIS — A Ford se preocupou com os mínimos detalhes, quais sejam: limpador com intermitente variável, cuja regulação pode ser feita num pequeno botão no painel, relógio digital de funções múltiplas no teto, luz de cortesia no porta-luvas, vidros com acionamento elétrico, calotas especiais, des-

cipam do «FEIRÃO DO CARRO», empreendimento que vem alcançando ótimos resultados.

TESTE: ESCORT «GHIA» — É um carro que atende bem àqueles que desejam um veículo para a cidade e para a estrada. Tem tudo para agradar: é econômico, anda muito bem, tem um acabamento esmerado.

Com motor 1.6 movido a álcool e câmbio de 5 marchas (o carro que testamos), é bom de ar-

cansa-braço de desenho especial, cintos de segurança de 3 pontos retrateis inerciais, suspensão independente nas quatro rodas, grande espaço interno e porta-malas com lugar para muita bagagem. Recomendado.

CONSÓRCIO ELDO-RADO ENTREGA QUATRO SELVAGENS

Realizou-se no dia 29 de dezembro próximo findo, na Seridó Automóveis, a 1.^a Assembléia do Consórcio Eldorado, Grupo «SELVAGEM S». Nada menos de 4 unidades foram entregues — uma por sorteio, ao sr. HOLANI FILGUEIRA ALVES e três por lance, aos srs. SAMI SALIN JAMALEDDINE, ERIDAN ROBERTO SOUTO e RICARDO ARAÚJO NÓBREGA. Sérgio Freire não conseguia conter a sua satisfação por mais esse sucesso (conseguiu fechar um grupo de 100 pessoas em menos de 40 dias). Na ocasião foi servido um coquetel para os presentes. Já se encontram abertas as inscrições para o 2.^o Grupo de «Selvagem».

A PALAVRA DO REVENDEDOR — (Carlos Porto, Diretor da SAVEL) “Creio que 83 não foi um bom ano para os revendedores de automóveis do Brasil, notadamente os mais novos, como os Revendedores Fiat. Sabemos que a Fiat iniciou suas atividades no Brasil justamente na época em que a crise se iniciava. Com isso, os Revendedores daquela marca não tiveram tempo suficiente para se capitalizar. Mas não foi

um ano de surpresas, pois já esperávamos as dificuldades em 83. Na SAVEL, tentamos sobreviver em 83 graças ao desenvolvimento de idéias tais como: mala direta, promoção de vendas de peças e acessórios, serviços, propaganda, etc. Isso trouxe um retorno considerável para a SAVEL, aumentando a nossa participação no mercado de peças, exigindo a abertura de uma filial no bairro do Alecrim. No que concerne a comercialização de automóveis, conseguimos boas vendas em 83, com o OGGI, lançamento da Fiat no ano que passou e que vem agradando muito. Por outro lado, a Fiat Automóveis confiou na qualidade dos seus produtos e não seguiu o exemplo dos seus concorrentes que promoveram verdadeiras «liquidações» dos seus produtos.

As perspectivas para 84 não são muito boas, infelizmente. Até o presente, não foi tomada nenhuma decisão na área econômica do Governo para o incremento à produção. Tenho a impressão que 84 será um ano muito bom para as empresas exportadoras. De bom, teremos o lançamento do UNO, o carro mundial da Fiat, sucesso de vendas na Europa. Foi eleito o «CARRO DO ANO» na Europa. Tenho certeza que ele terá excelente participação no mercado automobilístico brasileiro, a partir do seu lançamento dentro de poucos meses. Acredito que o setor de peças de reposição será a alternativa

viável para que as revendas autorizadas alcancem resultados satisfatórios, em virtude da queda do poder aquisitivo do povo brasileiro, inviabilizando a compra do carro zero quilômetro de grande parte da população”.

Para Paulo Coutinho, Diretor da GRANORTE, revendedor Ford em Natal, 83 foi um ano que se caracterizou pela queda de cerca de 30% nas vendas de veículos novos e pelo aumento em cerca de 50% nas vendas de veículos usados. “É o mercado em mutação”, declarou Paulo ao repórter.

Sérgio Pinto, Diretor da Seridó Automóveis, declarou que 83 ultrapassou em 10% as vendas de veículos realizadas em 1982. Espera aumentar 20% em 84.

O SANTANA VEM AÍ — Até maio o brasileiro vai conhecer o Santana, o mais novo lançamento da Volkswagen. O carro é sensacional e está sendo chamado na intimidade de o «Mercedes dos brasileiros».

FEIRÃO DO CARRO É SUCESSO — O natalense apoiou, sem pestanejar, a idéia de comprar carro no «FEIRÃO»; resultado: mais de 180 unidades vendidas no ano de 1983. Esperamos levar a idéia à cidade de Mossoró. No próximo mês estaremos em Campina Grande, onde realizaremos um «FEIRÃO» reunindo o revendedor Chevrolet daquela cidade, Aluísio Silva e outros revendedores autônomos. Aos poucos a nos-

sa idéia ganha corpo, conforme declarou o companheiro Cassiano Arruda.

NATAL VAI GANHAR NOVA LOJA DA HONDA — Lidésio nos informa que por todo este ano estará dando curso ao projeto de novas e modernas instalações da sua revenda. O local já está escolhido; será na Av. Prudente de Moraes. Tivemos oportunidade de ver o projeto arquitetônico da nova revenda da Potiguar Veículos e ficamos impressionados com sua beleza e originalidade.

INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA ATINGIDA PELA CRISE

Após um surpreendente crescimento no mercado interno, até o fim do primeiro semestre de 83, as vendas arrefeceram, devido à continuidade da política recessiva do Governo, alta dos juros e à compressão salarial da classe média. As perspectivas para o mercado interno, este ano, principalmente para o primeiro semestre, são de uma queda generalizada nas vendas de veículos usados e, consequentemente, na produção.

As perspectivas para o setor de autopeças são melhores, devido à diversificação dessas empresas, que passaram a atender a outros setores industriais, ao aumento das exportações e, principalmente, ao envelhecimento da frota em circulação, que aumenta o mercado de reposição. Este é o nosso pensamento.

FERNANDO SIQUEIRA

POÇOS, TAMBÉM UM PROGRAMA DO DFA

A perfuração de 180 poços rasos em 33 municípios do Rio Grande do Norte é, atualmente, uma das mais importantes atividades desenvolvidas pela Delegacia Federal da Agricultura — DFA — no Estado. A Delegacia aplica, somente nessa atividade, recursos da SUDENE, no montante de Cr\$ 50 milhões através do Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais — PRODECOR.

Além desse serviço, a DFA presta acompanhamento as diversas políticas de produção e abastecimento, somado a defesa e inspeção de produtos animais e vegetais. Entre outros resultados, esse trabalho significou a inspeção de 889 toneladas de sementes.

«AMAZONAS» — O PRODECOR é um Programa que visa, também, o desenvolvimento da política de captação d'água na região semi-árida potiguar. Por meio desse Programa, a Delegacia realizou convênio com a SUDENE e obteve recursos para a perfuração dos 180 poços rasos, do tipo «amazonas».

As demais atividades da DFA são as seguintes: Serviço de Acompanhamento das Políticas de Produção — SEAPRO; Serviço de Acompanhamento das Políticas de Abastecimento — SEAPAB; Serviço de Defesa Sanitária Vegetal — SERDV; Serviço de Defesa Sanitária Animal — SERSA; Serviço de Inspeção de Produto Vegetal — SERPV; Serviço de Inspeção de Produto Animal — SERPA; e Serviço de Fiscalização Agropecuária — SERFA.

Cada um desses Programas exerce funções que vão desde o registro e fiscalização da indústria de bebidas e vinagre até o controle de epidemias junto aos rebanhos.

SEAPRO — O SEAPRO tem por finalidade acompanhar todo o processo de produção de sementes e



Geraldo Bezerra

mudas selecionadas, o que compreende o registro de produtores, inspeção do beneficiamento e coleta de amostras para análises.

Esse serviço resultou, em 1983, no registro das sementes de Algodão Herbáceo, Algodão Arbóreo, Milho, Feijão Vigna e Sorgo, abrangendo os 4 mil e 214 hectares.

Dois projetos integram o SEAPRO: o Projeto de Apoio à Produção e Comercialização de Sementes e Mudas, e o Projeto de Melhoria do Registro Zootécnico, que inspeciona o registro genealógico de bovinos, equinos, caprinos e ovinos.

PREVISÃO — Previsão de safra com base em estudos sobre a flutuação do mercado agrícola: esse é o papel de um outro serviço da Delegacia, o SEAPAB. O serviço utiliza recursos de mais de dois milhões de cruzeiros e, entre outros objetivos, possibilita ao Governo e ao agricultor uma distribuição mais racional e econômica dos produtos agrícolas.

A Delegacia conta, também, com o SERDV, Programa que faz a vigilância e a defesa fitossanitária

através do combate, por exemplo, às doenças e pragas do cajueiro e do coqueiro, e da permissão de trânsito interno de vegetais.

A DFA mantém convênios com a Secretaria da Agricultura, e órgãos vinculados do SERDV, SEAPAB e do SERSA, serviço que visa o controle de doenças como raiva, febre aftosa e outras endemias parasitárias.

BEBIDAS — O SERPV registra, inspeciona e fiscaliza as indústrias de bebidas e vinagre, o que assegura aos consumidores produtos de boa qualidade. Desse modo, aproximadamente 1 mil produtos têm sua comercialização acompanhada de perto pelo serviço.

Pescado, leite e derivados, carne, ovos e mel são produtos inspecionados pelo SERPA, englobando estabelecimentos de produção e comercialização de todo o Estado. Médicos veterinários são encarregados desse serviço, o que permite uma análise segura das condições desses produtos.

Finalmente, a Delegacia desempenha, ainda, serviços de fiscalização agropecuária, cadastrando e fiscalizando estabelecimentos comerciais e produtores de insumos agrícolas através do SERFA. No presente exercício, 400 estabelecimentos foram fiscalizados.

Todos estes serviços da Delegacia Federal da Agricultura constituem um corpo de ações que atinge todas as regiões do Estado dentro das atividades agropecuárias. Vários outros convênios com órgãos estaduais e federais ampliam o leque de atuação da Delegacia, o que possibilita até o acompanhamento da exportação internacional de diversos produtos.

Para 1984 a DFA está trabalhando na implantação do Programa de Municipalização da Agricultura, meta prioritária do Ministro Amaury Stábile.

Política Populacional — II

CORTEZ PEREIRA

No artigo anterior, sob este mesmo título, procuramos demonstrar a importância da taxa de crescimento populacional, para o desenvolvimento das comunidades.

O desconhecimento ou indiferença para este problema poderá anular todos os esforços feitos, por mais carregados de boas intenções; poderá comprometer os esperados resultados de projetos isolados, por mais numerosos que eles sejam.

A administração do desenvolvimento ou será exercitada com a visão orgânica e sistêmica, da realidade, olhando-se o particular e vendo o geral, ou arrisca-se a tornar-se uma simples administração da pobreza.

É a percepção das finas telas que entrelaçam o mundo sócio-econômico que destacará, principalmente na fase inicial de partida, a decisiva influência do fator populacional na superação do atraso.

Um governante, por exemplo, humanitário e sensível que resolva eliminar a humilhante diferença que distancia comunidades pobres e ricas, no tocante à mortalidade infantil, poderá concentrar num programa assim os recursos públicos disponíveis e alcançar a meta desejada.

Superficialmente, nada de mais elogiável, sob o aspecto humano, mas estaria comprometida a unidade sistêmica das outras variáveis e o esforço isolado para melhorar exclusivamente uma parte, terminaria arruinando o todo. As crianças seriam salvas, para morrer de fome depois.

O problema da pobreza, da miséria é muito grave e muito complexo. O atraso pesa demais e só será removido com uma total ação coordenada que potencializa a força resultante. A ação neste sentido terá de ser concreta, concentrada, obstinada e racional.

Apelos cristãos em favor da solidariedade humana que valem tanto, não têm valido nada para o mundo da riqueza, da opulência e do desperdício que, simplesmente, ignora a fome dos pobres do mundo.

O Papa faz dos seus apelos uma peregrinação, reza unido a quase todas as famílias do mundo, oração que sobe ao céu e volta à Terra na fantástica transmissão por satélites, sem conseguir sensibilizar a compacta e fria indiferença das nações desenvolvidas. Enquanto isto, no mundo subdesenvolvido nascem 80 milhões de crianças por ano, para subdividir migalhas e multiplicar a fome de outros milhões de sobreviventes. Enquanto as orações são feitas, morreram de inanição em 1979, no Ano Internacional da Criança, 18 milhões de menores de 5 anos.

Vai o Presidente dos Estados Unidos ao Parlamen-

to do Canadá e afirma que sem dois países podem produzir para alimentar o mundo.

Ora, o problema não é este, é saber se os que morrem de fome dispõem de US\$ 150 bilhões para comprar essa produção.

Esperar auxílio, doação ou esmola é não acreditar na história do camelo e do fundo da agulha. Pensar no desvio de 10 ou 20% dos programas militares, para ajudar aos famintos, é não compreender a prioridade que os preparadores de guerras dão a disputa pelo primeiro lugar, como o mais competente de matar mais e mais rapidamente.

A ação eficiente para resolver o problema tem sido substituída por cansativas pregações no deserto. E enquanto clamasse por solidariedade, 800 milhões de pessoas vivem, no mundo, na pobreza absoluta, 700 milhões mais morrem lentamente na subnutrição crônica, 1 bilhão e 200 milhões não têm qualquer acesso à saúde pública.

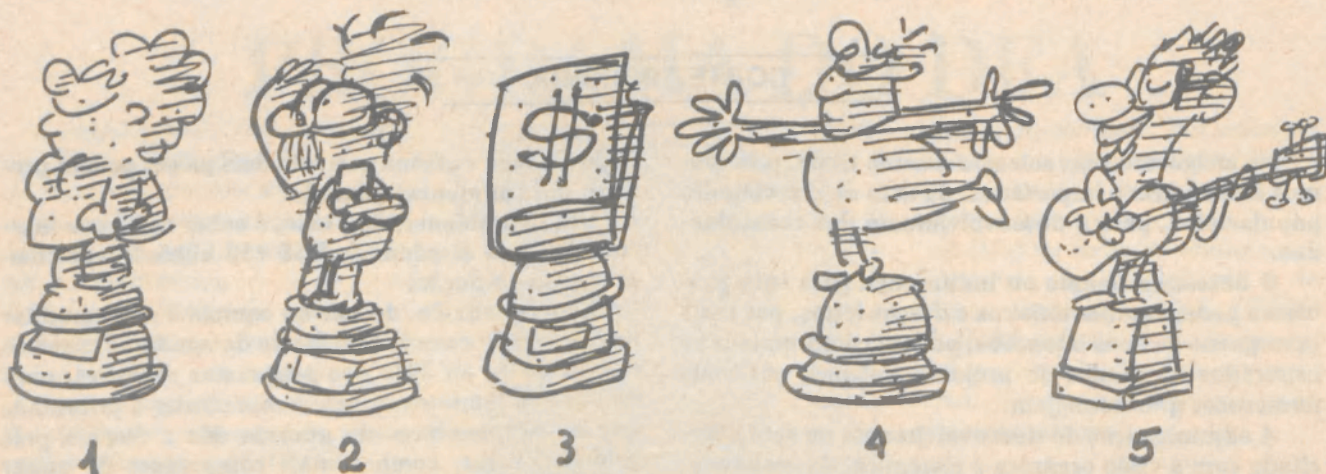
É este o quadro de miséria, mostrado em números alarmantes, no Relatório do Banco Mundial.

Outra tola ingenuidade é esperar que o 3.º Mundo seja capaz de aumentar a sua própria produção de alimento para cobrir o déficit existente hoje. Antes da 2.ª Guerra a América do Sul exportava, agora importa alimentos. Nos últimos anos a produção de alimentos, em todo o mundo, cresceu apenas 1%, enquanto a população aumenta 1,8%. Esta diferença já tão grave torna-se dramática se observarmos que o aumento da produção decorre da pesquisa, da técnica, da automação que só os ricos dispõem. Ainda que do outro lado, esta média tão baixa no índice populacional reflete o crescimento zero ou mesmo a queda absoluta observada em países do mundo desenvolvido.

Se análise foi feita nos países que passam fome o que se constataria era a queda real na produção de alimentos e a explosão populacional levando à loucura.

Vejamos uma das mais críticas áreas do mundo, a Ásia Meridional. Para cobrir o seu déficit de alimentos, ela teria de produzir só de cereais tanto quanto todo o mundo produz hoje, é o que informa o Clube de Roma. E para obter este resultado teria de aplicar em suas terras cansadas os fertilizantes produzidos por toda a indústria atual. Se isto fosse possível, é o mesmo Clube que afirma, o volume de fertilizantes e inseticidas aplicado numa área concentrada causaria um choque ecológico tão violento que o ecossistema da região seria, irremediavelmente, comprometido.

Feita a conversão de tudo isso nos dólares necessários, conclui-se que, por este caminho, não haverá solução possível.



Os melhores do ano

1 — A MÃE DO ANO:

- A mãe mais lembrada esse ano que passou foi a de Delfim Neto. Em segundo lugar, veio a mãe do Parreira.

2 — O FATO DO ANO

- Figueiredo renuncia a coordenação da sucessão. Jânio Quadros ficou morrendo de inveja.

3 — O LIVRO DO ANO

- O livro de conta-corrente de Jacques de Larosiére.

4 — A DANÇA DO ANO

- A dança do ano foi a «quebramos a cara, mas peça desculpa», do coreógrafo Newton Cruz, próprio para as pessoas de cintura dura.

5 — A MÚSICA DO ANO

- «Eu, hein, nem pensar!», no show «Eleições Diretas», interpretada pelo grande cantor Paulo Maluf.

6 — RECORD DE VOO DO ANO

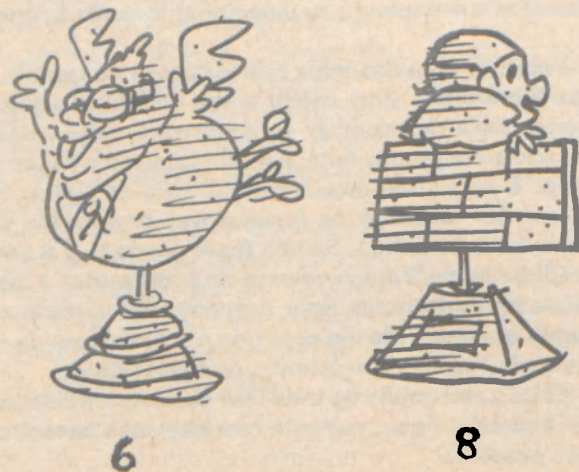
- Delfim Neto, nas rotas Rio-Paris e Rio-Washington.

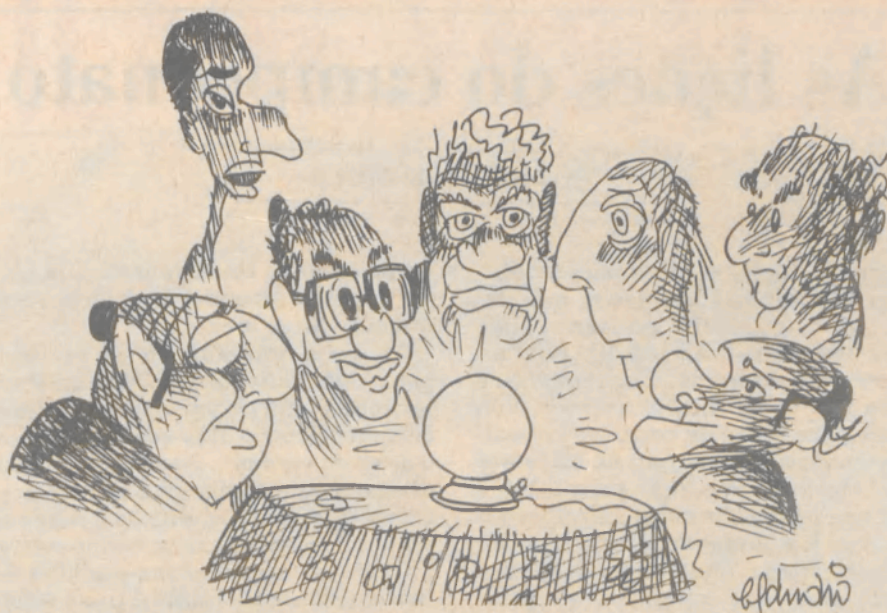
7 — TROUXA DO ANO

- Fica para o FMI, que acreditou em Delfim Neto que em um dos acordos prometeu 70% de inflação no final do ano. Acreditaram de besta.

8 — PREMIO NEM-LA-NEM-CA, NEM TANTO NEM TAMPOUCO, MUITO ANTES PELO CONTRARIO

- Fica com o Governador Tancredo Neves, favorável às eleições diretas e provável ganhador nas eleições indiretas e idealizador do consenso e não descarta o mandato tampão e...





As previsões de Madame Zazá para 1984

Procuramos Madame Zazá para ouvir as suas previsões para 1984. Ela nos disse, porém, que esse ano só faz previsões para pessoas. E uma inovação para os tempos de crise: previsões personalizadas.

Insisti e ela terminou por nos dar uma colher de chá: esse ano haverá uma guerra no Oriente Médio e uma revolução no Caribe.

Mostrou sua agenda de pessoas importantes que estavam à sua espera, prontas para ver o futuro. Pediu licença e foi atender os fregueses.

Sorratamente, sem que Zazá visse, nos escondemos num canto escuro da tenda para, num grande furo de reportagem, registrar o futuro das grandes personalidades desse País.

Na penumbra, vimos entrar um sujeito de óculos «fundo-de-garrafa», sorridente, que abraça e beija Madame Zazá. Cochiça alguma coisa no ouvido da vidente. Sem mais nem menos, ela muda de feição, pega na orelha do cidadão e arrasta-o até a porta da tenda:

— Tem cabimento! Querendo me dar dinheiro prá eu dizer a todo mundo que

ele é quem vai ser o Presidente da República.

Entra outro sujeito de óculos de grau, só que bem mais gordo e meio vesgo:

— O senhor vai deixar de viajar a Paris.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Quero dizer que o feitiço vai virar contra o feiticeiro...

— Ainda não entendi.

— Significa que o desemprego vai lhe atingir também...

O gordo fala baixinho no ouvido de Madame Zazá e se manda.

— Puxa, que dia! Esse, além de não pagar, ainda me pediu dinheiro emprestado.

— O próximo! Exclama Madame Zazá.

E entra um senhor velhinho, cabelos brancos, olhos azuis, alto, já envergando. Senta-se e subitamente começa a falar:

— Preparam seus títulos de eleitor. Em 84 teremos eleições diretas para Presidente da República.

Madame Zazá se irrita e mete um cascudo no velhinho:

— psst, cala a boca! Quem faz as previsões aqui sou eu!

As lições do campeonato

ROSEMILTON SILVA

ABC campeão, enfim. Lições à parte para os dirigentes do nosso futebol. Marcas profundas que devem ser corrigidas ano que vem. Do contrário, pode virar uma bagunça. Mas deixa isso prá lá. Hoje eu quero é fazer um trabalho diferente. Faz tempo que neste espaço eu não falo sobre futebol amador. Vou dedicar essas 84 linhas que tenho de escrever mensalmente com muito orgulho e prazer. Ano de 82 fomos até João Pessoa, ao lado de Justino Neto, para cobrir a Seleção de Juniores que procuraria conseguir uma vaga para a segunda fase. Um grupo de jovens bem comandados por Wallace Costa e Elói Simplicio. Preparação física detalhada, cheia de pormenores. Preparação técnica com garra, eficiência e, sobretudo, senso de responsabilidade. Fora de casa, nossos jogadores sentiram que poderiam e deveriam chegar lá. Para os senhores terem uma idéia, no dia do primeiro jogo ninguém sabia onde ia ser, se em João Pessoa ou Campina Grande. Tudo preparado, arrumadinho para derrubar quem viesse pela frente. O negócio era a classificação da Paraíba.

Nem isso perturbou o ambiente do mais inexperiente jogador. Praticamente o mesmo grupo um ano depois. Lá conseguimos nos classificar contra tudo e contra todos — isso é novo e garanto que alguém vai me copiar — em todos os momentos. Pois bem, o que aconteceu a Wallace Costa e Elói Simplicio? Se perderam no caminho da volta? Não. Simplesmente foram esquecidos. Não tenho nada contra o treinador Armando Viana nem seu preparador físico mas acho que em time que está ganhando não se mexe. E o time do ano passado ganhou e fui mais longe vencendo algumas partidas dentro de outro estádio e Estado, vencendo, inclusive, o dono da festa. Não poderia eu aqui criticar Wallace e Elói, porque o que vi lá não vi aqui com praticamente a mesma equipe jogando dentro de casa. Fomos decepcionantes, simplesmente isso.

Sei até que na sexta-feira após o primeiro jogo teve quem fosse exigir prêmio de cem mil cruzeiros pela classificação sem contar com outras exigências feitas durante a preparação. O que eu tenho com isso? Nada. Nada mesmo. Mas me dói a certeza da derrota e me fere muito mais o amadorismo marrom. Da lição que ficou restou uma pergunta: não ganhamos porque os cem mil não foram entregues ou prometidos ou não ganhamos porque não tínhamos futebol para tanto?

Ora, ano de 82 nossa equipe era praticamente a mesma, enfrentamos problemas sérios dentro e fora do campo. Contra a fraca Paraíba comemos o pão que o diabo amassou e Pernambuco quebrou o pau. Jogo fora, campo ruim e trouxemos a vitória. Os méritos foram para os jogadores mas o trabalho que acompanhei de perto fiz questão, na oportunidade como comentarista, de ressaltá-lo da maior importância para os louros da glória potiguar. E por que isso? Porque era preciso fazer justiça a uma dupla que sempre deu tudo de si ao futebol amador. Podem me perguntar se o conjunto desse ano também não é assim. Acredito que se-

ja. Só que não conseguiu fazer aquilo que o grupo anterior vinha fazendo. E repito: em time que está ganhando não se mexe.

E me perguntam: e não é preciso renovar? É. Respondo afirmativamente. Mas uma renovação não deve ser feita assim de uma hora para outra. Acho que a escolha foi errada. Mas quero dizer também que não sou o dono da verdade. No entanto, é bom dizer que tenho direito a externar minha opinião e que estou sujeito, também, a receber críticas e saber acatá-las. Querem ver uma coisa: reparem bem o relatório que Elói Simplicio fez ao terminar sua participação no Campeonato Brasileiro. Organização é parte integrante e essencial em qualquer sociedade, em qualquer agremiação. Porque ela reflete diretamente nos comandados e impõe neles o senso de respeito e responsabilidade.

E faltou responsabilidade nessa nova Seleção? Não sei. O que eu sei é que faltou um pouco mais de maturidade. Se estivessemos jogando em Pernambuco, Ceará ou Paraíba nossa classificação estava fora de cogitação porque, dificilmente, um desses Estados cederia seu lugar para um estranho. Querem ver só? Um diretor de Pernambuco quase entra em campo para agredir o árbitro. Pois bem, imaginem se estivessemos jogando lá como não seria. É claro que não estou querendo que nossos dirigentes invadissem o campo em busca da vitória, mas bem que seria uma boa. Catinga é coisa que se usa nesse bagunçado futebol brasileiro.

Algumas pessoas poderão dizer que estou sendo muito severo com a equipe de juniores. Não, não estou. Estou cobrando um posicionamento que poderia ser diferente se lá estivessem pessoas com mais experiência no tipo de competição realizada dentro de nossa casa, com os ventos do e ao nosso lado e por não ter ouvido em nenhum momento nos outros campeonatos alguém querer dinheiro para trazer a classificação. Mais: se os jogadores sabem que outros vão ganhar, dentro de campo, eles jogam a sua maneira e derrubam quem fica lá no banco.

Há outro ponto que poderão me cobrar. É certo que dirão que estou defendendo Wallace por ser amigo dele. Mentira, não somos amigos íntimos. Nos encontramos nas veredas curtas e espinhosas do futebol de quando em vez e trocamos pouquíssimas palavras. Elói também. Nosso maior contato foi em João Pessoa, principalmente com Elói quando o conheci. Acreditem que os criticaria da mesma forma que estou fazendo com os de hoje porque sei dividir amizade e profissionalismo e, muita gente sabe, já perdi alguns amigos por causa disso. Estou analisando trabalho, estou criticando um preparador físico e um técnico. Mas estou também com base num trabalho que me dá o direito de dizer que houve erros. Não tem comparação a Seleção do ano anterior com a desse ano. São os mesmos jogadores mas a diferença é quilométrica. José Carlos Oliveira lê o que escrevo e pergunto-lhe: estou certo? Como resposta vem: e porque não?

VILANÍ VEÍCULOS



O MAIOR PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE CARROS NOVOS E USADOS EM CURRAIS NOVOS

Vilani Veículos tem o maior parque de exposições de carros novos e usados em Currais Novos.

Toda a linha Ford, Chevrolet, Dodge e Volkswagen você encontra em Vilani Veículos e compra o seu automóvel sem complicações, podendo utilizar o financiamento direto ou da financeira. Os planos de vendas a prazo são os melhores do Seridó.

Na hora da compra ou da troca do seu carro, seja qual for a marca, procure quem tem tradição no ramo, melhores preços e é o pioneiro na Região. Procure Vilani Veículos.



Vilani Veículos

J. VILANI & CIA.

Rua Teotônio Freire, 44 Currais Novos - tel. 431-2062



O MUNDO ESTÁ COM PEPSI.



CADA VEZ MAIS.



Fabricante dos produtos Pepsi para o Rio Grande do Norte

Inpasa Refrigerantes S. A. — BR-101 — Km 09 — Fone: 272-2429 — Eduardo Gomes-RN